INTIMIDADE COM DEUS

UM · CARTUXO

INTIMIDADE COM · DEUS



COLECÇÃO · ÉFESO

INTIMIDADE COM DEUS

C O L E C Ç Ã O É F E S O

dirigida por F. XAVIER DE AYALA

1. JACQUES LECLERCQ: *Diálogo do homem e Deus.*
Apresentação da Colecção (Quarta edição)

2. JESUS URTEAGA: *O valor divino do humano.*
Prólogo do Prof. Dr. Augusto Vaz Serra (Quarta edição)

3. JACQUES LECLERCQ: *O matrimónio cristão.*
Prólogo do Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz
(Terceira edição)

4. GUSTAVE THIBON: *O pão de cada dia.*
Prólogo do Dr. Mário Pacheco (Segunda edição)

5. GEORGES CHEVROT: *Simão Pedro.*
(Terceira edição)

6. CARDEAL MINDSZENTY: *A mãe.*
Prólogo de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene (Segunda edição)

7. JACQUES LECLERCQ: *Vocação do cristão.*
Prólogo de Pedro Correia Marques

8. PIEPER-RASKOF: *Cristianismo.*

9-10. PÉREZ DE URBEL: *Vida de Cristo.*

11. DOROTHY DOHEN: *Vocação de amor.*
(Segunda edição).

12. GEORGES CHEVROT: *Jesus e a Samaritana.*
(Segunda edição)

13. FRANZISKUS STRATMANN: *Cristo e o Estado.*

14. GUSTAVE THIBON: *O que Deus uniu.*
(Segunda edição)

15. ARNOLD RADEMACHER: *Religião e vida.*

16. UM CARTUXO: *Silêncio com Deus.*
Prólogo de G. B. Torelló (Segunda edição)

17. MICHAEL SCHMAUS: *A essência do cristianismo.*

18. FEDERICO SUÁREZ: *A Virgem Nossa Senhora.*

19. ROMANO GUARDINI: *Introdução à Oração.*
Prólogo de Mons. Manuel d'Almeida Trindade

20. ANTOINE SERTILLANGES: *Deveres.*

21. ROMANO GUARDINI: *A vida da fé.*
Prólogo de Mons. Avelino Gonçalves

22. STANISLAS FUMET: *Quem como Deus?*

23. RONALD KNOX: *A torrente oculta.*
Prólogo do Prof. Dr. Luís de Pina

24. PAUL CLAUDEL: *O Poeta e a Cruz.*
Prólogo de Luís Forjaz Trigueiros

25. KARL ADAM: *Cristo nosso irmão.*

26. GEORGES CHEVROT: *O Sermão da Montanha.*

27. STANISLAS GILLET: *A virilidade cristã.*

28. PÉREZ DE URBEL: *O Ano do Senhor.*

29. CHARLES DE FOUCAULD: *Textos espirituais.*
Prefácio de René Bazin

30. Peter Lippert: *E Job disse a Deus.*

31. Dorothy Dohen: *A caminho de Belém.*

32. Romano Guardini: *O Deus vivo.*
Prólogo do Dr. Victor Matos

33. Pie Régamey: *O mistério da cruz.*
Prólogo de F. X. de Ayala

34. Daniel-Rops: *Nocturnos*
Prólogo de Urbano Duarte

35. Peter Ketter: *Cristo e a mulher*

36. Franz Moschner: *As parábolas do Reino.*

37. Um Cartuxo: *Intimidade com Deus.*

UM CARTUXO

INTIMIDADE COM DEUS

EDITORIAL ASTER
LISBOA

LIVRARIA FLAMBOYANT
SÃO PAULO

Título original:

PAROLE DE DIEU ET VIE DIVINE

Tradução de

FERNANDA FALCÃO

LARGO D. ESTEFÂNIA, 8 — LISBOA

NA FONTE

Ouvir dizer ou ler o que outros afirmam sobre a união da alma com Deus eleva sem dúvida o espírito, mas pode deixar-nos muito longe da realização. Acontece também que muitas almas dispostas a prosseguirem este fim, perdem a coragem depois de uma série de derrotas e renunciam a avançar pelo reino das promessas divinas. Algumas delas resignam-se então à mediocridade de vida interior: visto que a perfeição parece estar decididamente fora do nosso alcance, para quê continuar a forcejar em vão? Consolam-se com a ideia de que outros, depois de algumas tentativas, desmedidas para as suas forças, conheceram a amargura da decepção. Pode até acontecer que estas reflexões nos dêem a sensação de sermos avisados e prudentes e nos façam lastimar o sacrifício inútil das almas presunçosas. Não abandonamos de todo a piedade, mas limitamos o nosso

horizonte; e a voz da consciência, que não pode satisfazer-se com esta limitação, é asfixiada pelas distracções.

Na verdade, não podemos pensar que uma oferenda incompleta seja digna da majestade divina, da sua pureza e da sua simplicidade, e que o Amor absoluto aceite a oferta de uma alma dividida. É a nós que se dirigem estas queixas: «Ouvireis com os ouvidos e não entendereis; e vereis com os olhos e não vereis. Porque o coração deste povo tornou-se insensível, e os seus ouvidos tornaram-se duros e fecharam os olhos, para não suceder que vejam com os olhos e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração e se convertam» (*Mat.*, XIII, 14-15).

Estas palavras parecem duras na boca de um Deus: mas é precisamente por causa da sua misericórdia infinita, porque quer partilhar connosco a caridade ardente que transborda do seu coração, que nos repreende pela nossa tibieza, e ainda mais pela nossa resignação. Por mais severamente que nos fale, nunca nos abandona mais do que nós o abandonamos a ele. Deus está sempre próximo de nós como uma nascente interior de onde brota a graça e lá se encontra à nossa espera no mais íntimo de nós. Apesar dos nossos precários compromissos entre o amor divino e o amor próprio, não deixa nunca de nos atrair a Ele para nos oferecer a totalidade das suas riquezas. Assim como a unidade divina é a mãe

dos seres, assim também toda a vida aspira à unidade e todo o amor à totalidade.

Se, a partir deste momento, quiséssemos ouvir a palavra divina e deixar o nosso coração responder ao seu apelo, teríamos aberto na nossa frente o caminho que conduz sem desvios até ao alto. É o próprio Deus que nos incita a percorrê-lo e é por isso que nos desvenda os seus segredos. Pudéssemos nós ouvi-lo, de facto, no silêncio de uma submissão humilde e de uma filial atenção!

A sua linguagem é mais clara que toda a luz criada; o seu único fim é fazer saltar em nós a faísca de uma resposta ardente. Se se apresenta por vezes com a dureza de um diamante, é para penetrar até ao fundo do nosso coração, objecto do desejo eterno. Mas é a paciência divina que mais devemos admirar, a condescendência do Verbo que toma a forma do escravo para conquistar o nosso amor: «Eis o meu servo, que eu escolhi, o meu amado, em quem a minha alma pôs as suas complacências; não quebrará a cana rachada nem apagará a torcida que fumega» (*Mat.*, XII, 18-20).

Que nenhum obstáculo venha, da nossa parte, enfraquecer a palavra de Deus: deixemo-la ressoar até ao fundo da nossa consciência: também em nós ela fará desabrochar as suas divinas maravilhas. «Vede! Deus é

a nossa libertação: bebei com alegria nas fontes do Salvador!» (*Is.*, XII, 2-3). É do Filho que nos devemos aproximar, se quisermos acalmar a sede que atormenta a nossa alma. Ele vem ao nosso encontro e é ele próprio que nos pede de beber, tanto na sombra do recolhimento como ao sol ardente dos nossos dias. E assim que a alma começa a satisfazer o desejo divino, ouve estas palavras: «Se tu conheceras o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu certamente lhe pediras e Ele te daria uma água viva» (*João,* IV, 10).

Oferta divina, na verdade! Basta confessarmos a nossa indigência para recebermos a dádiva da misericórdia. O coração divino conhece todas as nossas necessidades e faz chegar até nós a onda da sua caridade: convida-nos a beber sem reservas para refrescar e curar a nossa alma. Esta água que brota das profundezas divinas torna-nos cada vez mais permeáveis à sua pureza e mais aptos para receber a sua abundância, à medida que vamos matando a nossa sede. «Se alguém tem sede, venha a mim e beba. O que crê em mim, do seu coração correrão rios de água viva» (*João,* VII, 37-38).

Libertarmo-nos dos laços egoístas e parciais que nos prendem às criaturas, desprendermos o nosso coração do que é temporal e efémero, eis as condições para o nosso despertar espiritual. O conhecimento angustiante

da nossa miséria arranca-nos às satisfações de uma hora para nos fazer desejar ardentemente a verdade eterna, a plenitude divina. «Aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, mas a água que eu lhe der virá a ser nele uma nascente de água a jorrar para a vida eterna» (*João,* IV, 14).

Se bebermos, pois, na fonte do paraíso interior, nunca mais procuraremos matar a sede nos regatos da terra, para que o Salvador não se queixe de nós: «Eles abandonaram-me, a mim que sou a fonte viva, para cavarem cisternas — cisternas cheias de fendas que não conservam a água *(cisternas dissipatas)*» (*Jer.,* II, 13). Estejamos atentos a esta hora da graça, que, quem sabe, pode soar pela última vez. «Se ouvirdes *hoje* a sua voz, não endureçais o vosso coração» (*Hebr.,* IV, 7).

Que o Espírito Santo não nos ache lentos e surdos à sua chamada! Não deixemos adormecer em nós a ideia desta glória que nos convida, desta Boa-Nova que Deus nos anuncia a todo o momento, deste Verbo de amor que procura com divina violência revelar-se ao nosso coração. «A palavra de Deus é eficaz, é mais aguda que uma espada de dois gumes: ela separa a alma do espírito, as articulações da medula, ela julga os sentimentos e os pensamentos do coração» (*Hebr.,* IV, 12). Deixemos Deus agir, que ele seja o nosso quinhão e a nossa sorte!

A verdade que o seu amor nos impõe desenvolver-se-á nos nossos corações quando a nossa fé receber a semente eterna. «Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a seguem» (*Luc.*, XII, 28). «Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade!» (*João,* XVII, 17).

A MISERICÓRDIA INSONDÁVEL

«Quem, como Deus?» Em várias passagens das Escrituras — na divisa do arcanjo que há-de vencer Lúcifer, e num salmo de louvor, — encontramos esta pergunta, de certo modo ociosa, visto que tem de ficar sem resposta. Grito de admiração e desafio, ela marca o ponto mais alto do pensamento, que não pode ser ultrapassado: é um grito de lucidez para acordar a nossa alma.

> «Bendito seja o nome do Senhor, desde agora e para sempre!
> Desde o nascer do sol até ao seu ocaso, é digno de louvor o nome do Senhor!
> Excelso é o Senhor sobre todas as nações, e a sua glória está acima dos céus:
> Quem, como o Senhor, nosso Deus, que habita nas alturas?»
>
> (SALMO CXIII, 2-5)

Nada pode medir a distância entre a natureza divina e a nossa, e o espírito não conhece nenhuma estrada que a transponha. O homem não pode elevar-se até ao céu, por mais que tente fazê-lo. Esta divinização de si próprio que lhe é sugerida pelo inimigo no Éden — «Sereis como deuses» (*Gén.*, III, 5) —, leva-o à terrível queda cujas consequências ainda não deixaram de se fazer sentir sobre nós. E, no entanto, aquilo que nós não podemos fazer nem pròpriamente esperar, é-nos revelado pela Providência divina como sendo a vontade de Deus: «O que é, pois, o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem, para que penseis nele?» (*João,* III, 19). Com efeito, a alma não ultrapassa os seus limites, mas Deus desce até ela: «E ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu» (*João,* III, 13.)

Deus vem até nós para solicitar a nossa amizade e para nos fazer tomar parte na sua glória. Toma a forma do homem pecador; a Santidade assume misteriosamente as nossas faltas: «ele não cometeu pecado, nem se encontrou engano na sua boca; quando o amaldiçoavam, não amaldiçoava; sofrendo, não ameaçava, mas entregava-se àqueles que o julgavam injustamente; foi ele mesmo que levou os nossos pecados em seu corpo, sobre o madeiro,

a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados» (I *Pedro,* II, 22-24).

Foi assim que, na sua suprema humilhação, nos deu a possibilidade de nos tornarmos semelhantes a Ele. Não fomos nós que demos o primeiro passo para nos aproximarmos dele, foi Ele que o deu para se aproximar de nós. « Não fostes vós que me escolhestes; eu é que vos escolhi a vós» (*João,* V, 16). Humilhou-se para nos exaltar, fez-se pobre para nos tornar ricos. «A caridade de Deus consiste nisto: em não termos sido nós os que amámos a Deus, mas em que Ele foi o primeiro que nos amou a nós, e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (I *João,* IV, 10-19). Amemos a Deus nós também, porque Deus nos amou primeiro.

Despojou-se da sua glória para nos revestir dela; derramou o seu sangue para no-lo dar. Morreu para que nós vivêssemos e participássemos da natureza divina, e pôs-se a si próprio em último lugar: «Eu porém sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjecção da plebe» (*Salmo* XXII, 7). Deixou que o insultassem, flagelassem, que o coroassem de espinhos e crucificassem, para expiar, à custa de sofrimentos sobre-humanos da alma e do corpo, a nossa sensualidade e

o nosso orgulho. A sua vida foi cortada como a de um malfeitor, para podermos ter no céu uma morada eterna. Dá-nos contìnuamente provas da sua amizade e do seu amor para que encontremos nelas a nossa felicidade. Mostra-nos o seu coração aberto para acabar com todas as nossas dúvidas: é com estranha insistência que somos chamados por esta caridade divina, diante da qual continuámos tantas vezes, silenciosos e frios, o nosso caminho. «Meu filho, dá-me o teu coração» (*Sab.* XXIII, 26).

Com provas tão evidentes, Deus obrigar-nos-ia por força a acreditar no ardor do seu amor por nós, se o amor próprio não nos tapasse a vista, como se fosse a parede dum cárcere. «É preciso que seja levantado o Filho do homem, a fim de que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna» (*João,* III, 15). Ele faria connosco o pacto da mais perfeita intimidade, se nós quiséssemos ouvir a sua voz e amá-lo acima de tudo. Porque ele quer dar-se sem reservas e receber por inteiro o nosso coração. «E eu, uma vez elevado da terra, hei-de atrair tudo a mim» (*João,* XII, 32).

Ele cuidará de nós com mais ternura do que a mãe que tem um filho doente, se lhe dermos a nossa inteira confiança. «Descarrega sobre o Senhor os teus cuidados, e Ele te sustentará» (*Salmo* LIV, 23). Ele bem nos disse, e disse-o sem rodeios, que não somos nada, que nenhum

fruto nascerá de nós, senão na medida em que estivermos em comunhão com ele. Mas é a sua própria obra que ele opera em nós, é a sua vida que nos dá vida quando o recebemos, para dar o fruto puro e perfeito que é o louvor do Pai. «Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos os que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus» (*João,* I, 11-13).

«Ficai em mim que eu ficarei em vós». Este apelo de Cristo contém todos os seus mandamentos e todas as suas promessas, — oferece-nos o céu cá na terra. O Verbo arde no desejo de se unir a nós: foi por isso que se fez homem, que sofreu e derramou o seu precioso sangue; foi por isso que morreu abandonado do Pai: para nos arrancar das nossas trevas e levar-nos à glória da verdade. Foi por isso que orou durante a sua vida terrena, e por isso é que é hoje o nosso intercessor junto do Pai e nos dá o alimento da sua carne e a bebida do seu sangue. «O que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que vive me enviou e eu vivo pelo Pai, assim o que me comer a mim, esse mesmo também viverá por mim» (*João,* VI, 57-58).

É por isso que ele derrama no nosso coração a torrente da sua graça; inunda-nos de riquezas incalculáveis cujo valor infinito somos incapazes de avaliar: ficaríamos cegos se levantássemos uma ponta do véu que as esconde aos nossos olhos. Sentir-se-ia imensamente consolado no Monte das Oliveiras — é o que nos indica a sua queixa — se tivesse encontrado fé, uma fé mais profunda e mais pura, nos seus eleitos; esta consolação ainda hoje lhe é recusada por aqueles que o conhecem mas não o reconhecem e não aceitam as suas palavras com aquela plenitude de sentido que ele lhes deu, e para sempre. «Pai, quero que onde eu estou, estejam também comigo aqueles que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo» (*João,* XVII, 24).

O FARDO LEVE

A precisão do olhar interior e a clara consciência do que nos é pedido são coisas da maior importância para a alma que se esforça por atingir a perfeição, pois a vontade de nos elevarmos para Deus não tardará a ser destruída pela falta de ânimo, se as perspectivas do progresso espiritual forem falseadas, e elas são-no muitas vezes por causa da importância que se dá às dificuldades, aos obstáculos criados pela natureza, aos conflitos inevitáveis no caminho da ascensão espiritual. É à luz da fé que devemos considerar e pesar os elementos do nosso destino: a realidade, como nos mostrou Jesus Cristo, só nos dá a escolher entre a luz e as trevas, entre Deus, que é o Ser, e o seu adversário, para quem só pode ficar o nada. Não nos deixam abandonados numa alternativa incerta: não há escolha mais segura nem mais simples do que a do amor. «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda

a tua alma, com todas as tuas fôrças e com todo o entendimento» (*Luc.*, X, 27).

Deus oferece-nos a luz e só a luz. «E a nova que ouvimos dele, e que vos anunciamos, é esta: Que Deus é luz e não há nele nenhumas trevas. Se dissermos que temos sociedade com ele, e andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade» (I *João*, I, 5-6). Esta luz que nos ilumina é o seu próprio espírito e o seu amor: é ela que trazemos em nós no tempo e na eternidade. Ela é o fogo que o Filho veio acender na terra, garantindo-nos que o seu único desejo é que ele «queime e ateie os corações». Se nos entregarmos a esta chama, deixaremos de ser estranhos para Deus, e já não seremos contados no número dos seus servos, mas sim no dos seus amigos e confidentes. «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai» (*João*, XV, 14-15).

Se ouvirmos as palavras de Jesus, não poderemos pecar. Pois o que vive na luz não pode perder-se: Deus serve-lhe de guia. Não porque consideremos a perfeição como nossa, como um bem adquirido. Pelo contrário, temos defeitos e somos extremamente fracos, sabemo-lo

melhor do que nunca, pois estamos libertos da mentira que nos trazia iludidos: «Se dissermos que não temos pecado, nós mesmos nos enganamos, e não há verdade em nós. Porém, se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados, e nos purificar de toda a iniquidade» (I *João,* I, 8-9).

O cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo lavou-nos no seu sangue, santificou-nos e divinizou-nos. «Temos um advogado junto do Pai, Jesus Cristo justo, que é a propiciação pelos nossos pecados» (I *João,* II, 1-2).

Se vivermos na verdade, fugimos do pecado e a caridade pura faz-nos sentir a sua urgência. Ter a pretensão de adquirir a intimidade de Deus à custa do próximo não seria mais que uma grosseira ilusão: as palavras de Deus ecoam constantemente no nosso coração atento: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo: nenhum outro mandamento é mais importante do que este» (*Mat.,* XII, 31).

Amamos o Pai e não podemos deixar de amar nele o nosso próximo. Quem não ama o próximo, não ama na verdade a Deus, e não tem a vida em si mesmo: é já uma presa da morte. «Se alguém disser: Eu amo a Deus, e odiar o seu irmão, é um mentiroso» (I *João,*

IV, 20). Mas se amamos a Deus e amamos os homens nele, conhecemos a paz divina: já não há lugar no nosso espírito para a inquietação e a dúvida. Para quem tem fé, estes termos são equivalentes e designam o próprio Deus: a vida é luz e o amor é verdade. Ora o verdade torna-nos livres, e o sol da justiça dissipa as trevas em que a nossa alma enfraquecia, no cativeiro. «Ele libertou-nos do poder das trevas para nos levar para o reino do seu Filho bem-amado» (*Col.*, I, 31).

A nossa vida torna-se cada dia mais segura na claridade divina. Já não temos medo dos conflitos e dos sofrimentos interiores: protegido por esta paz, o nosso amor expande-se livremente. «Graças a Deus, que nos deu a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, trabalhando sempre cada vez mais na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor» (I *Cor.*, XV, 57-58).

É a fé que nos revela este mistério inesgotável, o mistério do amor: somos chamados a viver com Deus numa intimidade mais profunda do que todo o pensamento, pois pertencemos-lhe por uma escolha eterna. Foi nestes termos que o Filho orou por nós: «Pai, glo-

rifica-me junto de ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que houvesse mundo. Manifestei o teu nome aos homens, que me deste do mundo; eles eram teus e tu mos deste, e guardaram a tua palavra» (*João,* XVII, 56).

O P T I M I S M O

Era preciso que fôssemos absolutamente ingratos e injustos para que estas dádivas divinas não espalhassem no nosso coração e no nosso rosto a luz da alegria. Esta delicadeza eterna e esta condescendência infinita de Deus, que apenas nos impõem o fardo leve da lei do amor, devem traduzir-se numa pura alegria: como se fôssemos os herdeiros duma fortuna celeste, passamos alegres no meio dos filhos dos homens que não conhecem a sua verdadeira felicidade! Há um optimismo sagrado que fica bem à alma iluminada pela fé. O ideal é para ela uma possibilidade imediata, apesar dos esforços heróicos que ele exige: e ela caminha para as alturas luminosas onde Deus a conduz e a espera.

Foi para nos elevar que o Salvador se pôs humildemente no último lugar. «Porque é conhecida de vós a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo

rico, se fez pobre por vós, a fim de que vós fôsseis ricos pela sua pobreza» (II *Cor.*, VIII, 9). Conscientes do favor sem preço que nos é feito, podemos dizer com o Apóstolo: «A vida com que eu vivo agora na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim» (*Gál.*, II, 20).

Não podemos conceber nada mais belo nem tão útil para o coração do que esta segurança divina: Deus garante que a sua verdade e a sua justiça hão-de vencer. Fosse qual fosse a dificuldade que devêssemos enfrentar no futuro, o espírito de Deus já não nos deixará perder a coragem: combateremos com paciência e a nossa perseverança alcançará a glória de Deus: «Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas: eu darei ao vencedor o maná escondido, e um nome novo que ninguém conhece, senão quem o recebe» (*Apoc.* II, 17).

À medida que se vai interiorizando, a alma fica a conhecer com mais clareza a acção que Deus exerce nela. «Porque as coisas invisíveis dele, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis; e assim o seu poder eterno e a sua divindade» (*Rom.*, I, 20). A fé torna-se transparente e faz mais do que deixar adivinhar sob o véu das causas secundárias a acção do amor eterno. O sol da essência espalha através de todas as coisas a sua luz e o seu

calor: a acção benfazeja dos seus raios faz-se imediatamente sentir. Por mais afastados que ainda estejamos da visão celeste, gozamos já da presença divina e sentimos que a nossa vida está nas mãos de Deus. «Pois Ele não está longe de cada um de nós» (*Act.,* XVIII, 27).

Apesar dos múltiplos laços que nos prendem à terra, e apesar do peso da queda cujos efeitos se fazem contìnuamente sentir, devemos ser optimistas por causa da graça de Cristo que nos comunicou a abundância dos seus méritos e quis ser nosso amigo e nosso irmão, a vida da nossa vida. O Primogénito da criação é a luz dos homens: foi Ele que o Pai nos enviou, para nos inudar com a plenitude da sua graça, como Ele próprio declara: «Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância» (*João,* X, 10). «Eu sou a Vida» (*João,* 6).

A fé torna presente esta verdade inebriante, faz de nós uns idealistas e uns optimistas num sentido novo e profundo, que a banalidade dos termos não pode exprimir. É condição necessária e suficiente para isso que a fé seja vivida em toda a sua lógica sobrenatural, como princípio duma realidade quotidiana e divina: «Se Deus é por nós, quem será contra nós? O que não poupou nem o seu próprio Filho, mas por nós todos

o entregou à morte, como não nos dará também com Ele todas as coisas?» (*Rom.*, VIII, 31-32).

Há muitas almas que sonham com esta vida e a desejam, mas não chegam a ter coragem para se darem totalmente e abrirem assim as fontes interiores. Pois precisamente por causa dos seus direitos de criador, Deus não pode deixar de pedir uma dádiva sem reservas: não podemos oferecer-lhe só metade do nosso coração. Mas se a alma não tem a coragem necessária, é porque ela conta com as suas próprias forças, que serão sempre insuficientes no domínio sobrenatural. Só a graça pode fazê-la desabrochar e fecundá-la pelo toque do Espírito Santo. Cada um de nós sofre na prisão do seu egoísmo e da sua fraqueza e por isso as horas sombrias não podem deixar de ser uma realidade para todos; mas quando o coração sufoca sob o peso evidente da sua impotência, quando o horizonte fechado da natureza parece forçar-nos ao desespero, é que a nossa miséria se deve transformar no nosso remédio e no penhor precioso da misericórdia divina. Alegremo-nos com o nosso nada, que obriga o Pai a não nos deixar entregues a nós próprios. A consciência destes dois absolutos, do *nada* do homem e do *tudo* de Deus, dá à alma uma nova orientação, um novo impulso que é o único que a pode salvar. A partir do momento em que compreendemos o sentido destas palavras de Cristo,

em toda a sua plenitude, temos o caminho aberto na nossa frente: «Sois servos inúteis» (*Lucas*, XVII, 10). «Basta-vos a minha graça» (II *Cor.*, XII, 9).

Se Deus me recusasse o seu apoio por um momento só que fosse, sei que a minha queda seria imediata: é por isso que toda a minha sabedoria consiste em contar só com ele. Esta desproporção infinita entre a criatura e o Criador é a ordem que me tranqiliza: é entre estes dois pólos extremos que salta o relâmpago da certeza pura. «Sei viver nas privações, sei também viver na abundância (em tudo e por tudo fui habituado): tudo posso naquele que me conforta» (*Filip.*, IV, 12-14).

É nas horas de trevas, quando a miséria da alma é completa, que uma força superior vem em nosso auxílio e completa a renúncia libertadora: o próprio Espírito se encarrega de a purificar e de a preparar para os divinos esponsais. Os heróis do espírito precederam-nos já neste caminho: «Ser apagado do criado — ser transformado em Cristo —, ser absorvido na Divindade». Assim se exprime o bem-aventurado Euso, e São Nicolau de Flüe ensina-nos a orar desta maneira: «Meu Senhor e meu Deus, tirai-me tudo o que me impede de vos alcançar. — Meu Senhor e meu Deus, dai-me

tudo o que me aproximar de vós. — Meu Senhor e meu Deus, dai-me totalmente a vós!»

Só Deus pode acalmar a nossa sede, porque Ele próprio a pôs dentro de nós desde a origem, como um instinto sobrenatural de que só Ele é o objecto. Nem os deleites nem os sucessos deste mundo a podem satisfazer: o coração do homem não se prende muito tempo com as criaturas; parece gostar só de coisas novas: é que ele é feito para a eternidade: «Vós criastes-nos para vós, meu Deus, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em vós» (*Santo Agostinho*).

A necessidade do divino arde no fundo mais secreto da nossa alma, onde só Deus pode penetrar, onde Ele próprio mora, pronto a satisfazer o desejo que desperta. «Que a paz de Deus, que está acima de todo o entendimento, guarde os vossos corações e os vossos espíritos em Jesus Cristo» (*Filip.*, IV, 7). Na verdade, não é a paz que se separa de nós, nós é que nos separamos dela e lhe somos infiéis. Mas o homem só alcança a felicidade na medida em que renuncia sinceramente a procurá-la por si próprio e se apaga diante da glória divina. Enquanto desejamos a nossa satisfação, ela foge-nos; mas se sacrificamos o nosso amor próprio, estamos em

harmonia com a vontade do Pai, e a nossa alma unida a Deus encontra a alegria que não pode existir fora dele.

Meu Senhor e meu tudo! Prestar-lhe fielmente homenagem cá na terra custe o que custar, é já glorificá-lo na eternidade, e a nossa felicidade pura e durável está toda inteira nessa glorificação. «Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam» (I *Cor.*, II, 9).

O verdadeiro optimismo é o que não duvida da bondade nem do valor da vida, porque a união com o ser divino lhe inspira respeito e amor por tudo o que foi criado. Levantemos os nossos corações! Esta confiança é perfeitamente lúcida — «realista», «racional» no sentido profundo destes termos — ela põe de parte, com muito mais segurança do que toda a prudência natural, os sonhos e as quimeras: a presença em que se funda é mais real do que nós.

O melhor caminho é o que vai do eu miserável ao esplendor infinito: não sou mais do que um ponto de partida e a fé manda-me renunciar a mim mesmo para chegar até Deus. O próprio Verbo ilumina o nosso caminho, fortifica-nos e encoraja-nos em todos os nossos

passos. *Lucerna pedibus meis verbum tuum.* «Lâmpada para os meus pés é a tua palavra» (*Salmo* CXVIII, 105). Tomemos por mestres nesta busca sublime os grandes místicos, São João e São Paulo, que falaram inspirados pelo Espírito Santo. Encontraremos neles um conhecimento de Deus e dos seus caminhos que mais nenhum texto nos oferece com tal pureza e profundidade. «O que era impossível à lei, porque se achava sem força por causa da carne, enviando Deus seu Filho em carne semelhante à do pecado, por causa do pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito» (*Rom.*, VIII, 3-4).

Este Verbo que vive em nós e que o seu Espírito nos revela, é a resposta a todas as perguntas; a união de amor é a fornalha de paz onde acabam todos os conflitos, onde se resolvem os enigmas propostos à inteligência do homem. «Porque era Deus que reconciliava consigo o mundo em Cristo, não lhe imputando os seus pecados, e encarregou-nos a nós da palavra de reconciliação. Aquele que não tinha conhecido pecado, fez-se pecado para nos fazer justiça» (II *Cor.*, V, 19-21).

Se entrarmos de todo o coração na ordem salutar que o Filho criou por meio do seu sacrifício redentor,

cooperamos com ele em todos os nossos actos e todos os instantes são para nós de uma fecundidade eterna. Que pena não sentimos então, quando ouvimos o século formular a sua filosofia com negações desesperadas e dar ao homem apenas este conselho, em que se resume toda a sua filosofia: desafiar o acaso que o conduz à morte! Foi esta morte vazia de sentido que o Verbo incarnado venceu, e o seu triunfo, a vitória do amor, está-nos assegurado. «Porque é necessário que Ele reine; o seu último inimigo a ser destruído será a morte; e quando tudo lhe estiver sujeito, então ainda o mesmo Filho estará sujeito àquele que sujeitou a ele todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos» (I *Cor.*, XV, 25-28).

F E C U N D I D A D E

O Filho de Deus libertou-nos. É a fé que nos confere esta liberdade, que só os filhos de Deus podem receber e de que eles vivem. Cristo não nos deixou apenas simples palavras: deixou-nos a certeza de que, se continuarmos unidos a ele, seremos vencedores da sua vitória divina. «Disse-vos estas coisas para que tenhais paz em mim. Haveis de ter aflições no mundo; mas tende confiança, eu venci o mundo» (*João,* XVI, 33).

Entreguemo-nos a ele na simplicidade do nosso coração: as ciladas e os venenos do século deixarão de ter poder sobre nós; se nos conservarmos simples, nada poderá abafar na nossa alma o sopro de Deus. Jesus venceu para sempre o espírito do mundo: quem se dá a ele e se funde com ele num só espírito, colhe desde já os frutos da sua conquista. «Todo aquele que crê nele não será confundido» (*Rom.,* X, 11).

Nada somos e nada podemos por nós próprios; não merecemos a fé em Deus nem a fidelidade ao seu amor; recebemos de graça os dons eternos assim como as dádivas de cada dia. A toda a hora e gratuitamente nos é dada a força para repelir o inimigo que quer opor-se à acção divina. É o Filho que opera em nós a nossa libertação; em nós e por nós, é ele que quer ganhar as almas e glorificar o Pai. «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi a vós e vos destinei para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça» (*João,* XV, 16).

Corresponderemos ao seu amor se nos esforçarmos cada vez mais por dar esses frutos que Cristo nos promete. Para isso é necessário que a nossa vida seja toda ela animada pela fé e que esta fé seja em nós a fonte duma confiança ilimitada e duma vontade firme de obedecer à lei do amor. Crer em Deus de todo o coração e confiar nele sem reservas, é o segredo do amor.

O amor que nasce assim não é um enternecimento interesseiro por nós próprios, mas uma participação no amor infinito: a caridade quer abrir contìnuamente no homem novos espaços à vida divina, e o seu único cuidado é o de preparar a vinda de Cristo em todos os

caminhos da criação. «Como o Pai me amou, assim eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor» (*João*, XV, 9-10).

Esta é a condição para nos instalarmos na caridade de Cristo e sermos guardados por ela. «Porque observei as ordens de meu Pai, permaneço no seu amor» (*João*, XV, 10). E não receemos que esta vida seja estreita e limite, de qualquer modo, o horizonte do coração e do espírito. Pelo contrário, à medida que damos lugar a Deus e que a sua caridade cresce na nossa alma, desaparecem as preocupações mesquinhas. Libertamo-nos simultâneamente do orgulho e do sentimento de inferioridade, que são duas formas, opostas só na aparência, do mesmo apego a nós próprios.

A palavra de Jesus não põe entraves nenhuns nem origina nenhuma perturbação: pelo contrário, a confiança que ela faz nascer na nossa alma dilata-a e purifica-a. A alegria irradia de um coração cheio de amor, — alegria que nos torna aptos para o trabalho e para o sacrifício, que nos dá iniciativa, constância e sinceridade, alegria que dá mais segurança aos juízos e fortalece o olhar, que abre a alma de par em par à compaixão, à simpatia, tornando-a capaz de ser útil ao

próximo sempre que for necessário. Porque o amor é dádiva de si mesmo e vida para os outros: e a maior prova de amor é o sacrifício da nossa vida pelo ser amado. Foi o próprio Salvador que lhe imprimiu este carácter, para que reconheçamos o seu amor, fonte e modelo do nosso. «O meu preceito é este: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (*João*, XV, 12-13).

O amor torna a alma audaciosa e pronta a agir, entusiasta do bem e apaixonada pela justiça. O valor e a dignidade do homem crescem à medida que se torna mais profunda a vida espiritual; a paz envolve numa espécie de atmosfera sobrenatural o homem inspirado por esse amor e derrama-se sobre aqueles que dele se aproximam. «A piedade é útil para tudo: contém a promessa da vida presente e da futura» (I *Timót.*, IV, 8). Com efeito, a vida interior assegura o equilíbrio das partes mais profundas do ser, cujos benefícios se fazem sentir na alma como no corpo. Os nossos deveres de estado, longe de sofrerem com isso, passam a ser cumpridos com uma facilidade nova, uma alegre consciência do seu valor, um cuidado mais delicado na sua perfeição. A vida da fé adapta-nos a todas as realidades: torna-nos prontos para o sacrifício, e torna-nos suscepti-

veis de saborear com gratidão todas as formas da alegria. «Deus criou estas coisas para que, com acção de graças, participem delas os fiéis e aqueles que conheceram a verdade. Porque tudo o que Deus criou é bom, e não é para desprezar nada do que se toma como acção de graças; porquanto é santificado pela palavra de Deus e pela oração» (I, *Timót.*, IV, 3-5).

Não é, pois, impossível que o homem se torne verdadeiramente semelhante a esta ideia divina, à imagem da qual foi criado cada um de nós. A amargura e a resignação egoísta que os anos deixam em muitas almas não entram na alma que vive da fé: a sua juventude é constantemente renovada pelo amor eterno.

«Bendiz, ó minha alma, o Senhor,
E todas as coisas que há dentro da mim bendigam
o seu santo nome!
Bendiz, ó minha alma, o Senhor,
E não esqueças nenhum dos seus benefícios!
É Ele que perdoa todas as tuas maldades,
E que sara todas as tuas enfermidades!
É Ele que resgata da morte a tua vida,
E que te coroa da sua misericórdia e das suas graças.
É Ele que sacia com seus bens o teu desejo:
Renovar-se-á, como a da águia, a tua mocidade.»

(SALMO CII, 1-5)

C O N D I Ç Õ E S

Uma tentação até certo ponto mais grave do que a do pecado, porque ameaça fazer parar para sempre o movimento da alma para Deus, é a da mediocridade. «Não sou nenhum santo nem posso vir a sê-lo: o verdadeiro sábio não é aquele que conhece as suas limitações? Estou resolvido a evitar as faltas graves, mas sinto que não fui feito para as cumeadas da vida espiritual: deixo isso para as almas privilegiadas, entre as quais não posso ser incluído». Falar desta maneira é cair num erro perigoso. Não é a humildade, mas sim o mais renitente amor-próprio que se alia ao receio das dificuldades e dos sacrifícios para nos sugerir estas miseráveis desculpas. O Salvador diz-nos, pelo contrário, que as nossas faltas não podem impedir-nos de o seguir: os seus santos não são os que não caem, mas os que não se resignam a ficar ao nível do chão. «O justo cai sete vezes e sete vezes se levanta» (*Prov.,* XXIV, 16).

É precisamente a nossa qualidade de pecadores e a nossa fraqueza tantas vezes provada que nos valem o chamamento de Deus, que nos convida a voltar para Ele. Precisamos do Bom Samaritano porque somos criaturas sofredoras e frágeis e as nossas feridas estão à espera de um bálsamo. É quando caímos que ele nos oferece uma nova vida. «Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos. Ide e aprendei o que quer dizer: Quero misericórdia e não sacrifício; porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (*Mat.*, IX, 12-13).

Enquanto nos recusarmos a aderir à vontade divina, a tentar a nossa realização na união com o Filho por meio de uma vida cujos esforços são todos inspirados pelo amor, somos ovelhas perdidas que andam afastadas do aprisco e do pastor. A dádiva mais preciosa que o Verbo nos concedeu, se for tratada com ligeireza por aqueles que se conformam com a mediocridade espiritual, acaba por ficar completamente perdida para eles. Foi com este sentido que foi dito: Ai dos tíbios! O Senhor sabe a que perigos estamos expostos e como é fraca a nossa carne: previne-nos com palavras de ardente urgência que até mesmo as almas cheias de graças não podem esquecer: «Vigiai e orai para não cairdes em tentação!» (*Mat.*, XXVI, 41).

A aceitação da mediocridade é o resultado dum cálculo miserável, e esse cálculo é erróneo, como todos os do amor-próprio. A cruz não é de modo nenhum uma meia medida, e não se pode chamar amor de Cristo, ao que se opõe abertamente a estas palavras: «Se alguém quer vir comigo, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (*Mat.*, XVI, 24).

Teríamos lugar entre os ricos e os privilegiados da economia divina se aceitássemos com simplicidade, tal como nos é oferecido, o amor misericordioso. Procuramos nos homens o que eles não nos podem dar, e condenamo-nos assim a não sair do nível humano em que nos sentimos asfixiar. A maior graça pode ser neutralizada num coração que dá demasiada importância a si próprio, que só tìmidamente ousa enfrentar as dificuldades: os próprios sacramentos pouco podem aproveitar a quem não se abre para os receber e não renuncia a si próprio. Desejaríamos, para acordar estas almas, ouvir a voz de São Paulo: «Ó insensatos, quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, vós ante cujos olhos foi já representado Jesus Cristo como crucificado entre vós? Onde está, pois, o vosso entusiasmo? Filhinhos meus, por quem eu sinto de novo as dores do parto, até que Jesus Cristo se forme de novo em vós; bem quisera eu estar agora convosco e mudar a minha lin-

guagem; porque estou perplexo a vosso respeito» (*Gál.*, III, 1; IV, 15, 19-20).

Para que a vida divina — a nossa luz —, brilhe serenamente em nós, é necessário primeiramente que esteja assegurada uma certa ordem. A água e o fogo não podem coexistir no mesmo lugar, porque uma expulsa o outro; o dia exclui as trevas: o mesmo acontece na alma. Enquanto esta se entregar, por uma cobardia mais ou menos consciente, às potências inimigas de Deus, o Salvador não pode tomar posse do seu reino nela. Recusamos a Deus o que guardamos para nós próprios por desconhecimento e desprezo dos seus direitos essenciais. O seu amor não pode deixar de ser ávido: exige todo o coração do homem e o homem inteiro; tal é a medida da sua justiça. É neste sentido que se fala nos zelos de Deus (*Êx.*, XX, 5).

Pôr em dúvida a bondade do Pai e o seu desejo do nosso bem é ofendê-lo: esta dúvida fere a honra e o coração dum Deus. «Estendi as minhas mãos todo o dia para um povo incrédulo e rebelde» (*Is.*, LXV, 2). Sejamos humildes finalmente e pequenos na mão que se nos estende e deixemo-nos levar por ela onde Deus quiser. «Eu posso tudo naquele que me fortifica» (*Fil.*, IV, 16).

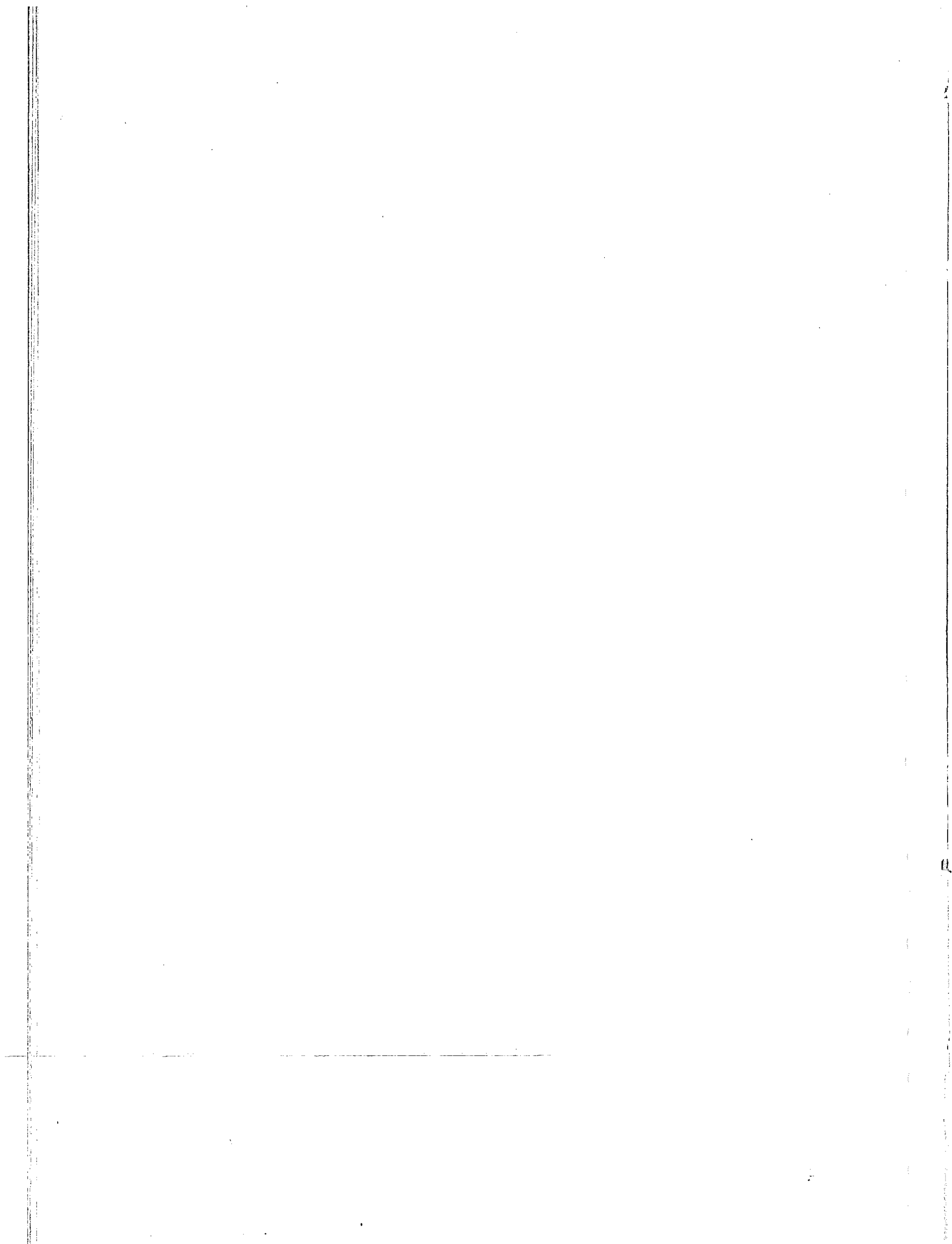
As lutas e as provações existem em todas as vidas, mas quando o coração se sente confiante e eleva para Deus a sua oração, tem nisso um penhor seguro da verdadeira vitória. «Aproximai-vos confiadamente do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia, para sermos socorridos em tempo oportuno» (*Hebr.*, IV, 16).

Quem se alista com este consentimento sob a bandeira do céu, encontra no Absoluto divino o que o mundo exterior não lhe podia prometer sem mentir. Pois este mundo é de uma estreiteza asfixiante e reina nele a tristeza: só chega ao limiar da alma, cujos degraus sobem até ao infinito. Poucas são as pessoas, cremos, que não estão influenciadas por essas dialécticas que desconhecem o primado do espírito e levam a pensar que a defesa do homem depende, primeiro que tudo, de condições económicas. Ora não são os homens privados de desafogo material aqueles cuja personalidade se atrofia, mas todos os que se recusam a ocupar com gratidão o seu lugar na harmonia viva do universo e da graça. Pouco importa achar um lugar humilde ou elevado, grande ou pequeno: estas palavras mudam de sentido quando intervém o amor. «E Deus escolheu as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo e aquelas que não são, para destruir as que são» (I *Cor.*, I, 28).

Este poder, que a caridade tem, de inverter as medidas e transferir os valores permite à alma fiel encontrar o lado luminoso de cada coisa e iluminar ao mesmo tempo todas as faces da realidade. A tristeza é, sem dúvida, natural em muitas circunstâncias. No entanto, ela deve transformar-se em paz (a paz cuja raiz é a certeza bem-aventurada), quando o olhar se fixa na realidade divina e mergulha na sua transparência. E nem mesmo a lembrança dos nossos fracassos e dos nossos erros nos deve ser amarga. Saibamos finalmente que, só por nós, somos incapazes de ter um bom impulso, mas que isso não nos entristeça: é uma razão mais forte para nos entregarmos nas mãos de Deus e tudo esperarmos dele. «Não nos julguemos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento como vindo de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus» (II *Cor.*, III, 5).

Evidentemente que não é sem trabalho e sacrifício que o olhar se orienta assim para o seu objecto divino e aprende a fitá-lo fielmente. É muito fácil deixar-se distrair pelas mínimas coisas e apaixonar-se, infelizmente, pelas mais fúteis. A concentração paciente no que é essencial é um esforço indispensável para a vida do espírito. «Tu afadigas-te e andas inquieto com muitas coisas, mas só uma é necessária» (*Luc.*, X, 41-42).

Esta única coisa necessária é o Verbo incarnado. Ainda que tropecemos muitas vezes no caminho e sucumbamos em certos momentos sob o peso da cruz, a nossa fé deve recompor-se e robustecer-se em cada passo que damos nas suas pegadas divinas. Ele é a nossa coragem, a nossa força e a nossa alegria: servi-lo não é um dever, mas uma graça infinitamente preciosa — *servire regnare est.* «Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais fatigados, e eu vos aliviarei!» (*Mat.*, XI, 28).



OS EFEITOS DA GRAÇA

Tudo se renova em nós desde que encontremos no Filho de Deus uma juventude eterna. São João dá-nos a certeza: com o seu olhar de águia, olha para a fonte de toda a luz e diz-nos: «A vida manifestou-se e nós vimo-la, e damos dela testemunho, e vos anunciamos esta vida eterna, que estava no Pai e nos apareceu» (I *João*, I, 2). O discípulo amado comunica-nos o que viu com palavras simples e transparentes: dá-nos parte da verdade essencial, e todo aquele que vive dela vê abrir-se o caminho que leva às profundidades de Deus. As circunstâncias deste mundo só nos fazem parar se deixarmos de atentar no essencial. A razão humana, incapaz de se concentrar no único bem necessário às nossas almas resgatadas, não pode iluminar os caminhos

interiores: só a fé os descobre, numa confissão sincera da nossa total impotência. A humildade fiel faz brotar todas as fontes da graça. Desde o momento em que deixamos de lhe vedar a entrada na nossa alma pelo pecado, a claridade divina irrompe por todo o nosso ser: a sua medida não é a mesma que a nossa, e a sua liberdade infinitamente generosa é o segredo de Deus. «Eu terei misericórdia com quem me aprouver ter misericórdia; e terei piedade de quem me aprouver ter piedade» (*Rom.*, IX, 15). — «Deixei que me encontrassem os que não me procuravam; mostrei-me aos que não me buscavam» (*Rom.*, IX, 20).

Porque foi que ele nos escolheu, porque foi que nos preferiu a milhões de outras pessoas? Esta graça só pode ser o sinal dum amor imenso. «Foi por amor que ele nos predestinou para sermos seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, por sua livre vontade» (*Éfes.*, I, 5). Este Pai que nos deu o seu Filho poderá na verdade recusar-nos alguma coisa? «O que não poupou nem o seu próprio Filho, mas por nós todos o entregou à morte, como não nos dará também com ele todas as coisas?» (*Rom.*, VIII, 32).

O Filho ofereceu o seu sangue e a sua vida: poderia porventura dar-nos prova mais perfeita do seu amor?

E entre os bens do seu próprio coração deu-nos a sua Mãe bem-amada, aquela que o anjo louvou pela sua fé, para que ela nos transmitisse todas as riquezas da graça. E apenas nos pede em troca que acreditemos nele e no Pai, que acreditemos na virtude do seu preciosíssimo sangue derramado por nós, no valor dos seus sacramentos, na vida da Igreja, sua esposa, e no poder da oração. «Se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, ele vo-la dará; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita» (*João,* XVI, 23-24).

Por mais fracos e miseráveis que sejamos, temos um caminho aberto e seguro; para curar a nossa alma, é-nos oferecido um remédio sempre eficaz: a oração. Deus conhece as nossas necessidades, mas espera de nós o pedido humilde e a imploração do seu socorro. Precisamos de orar! Não com uma torrente de palavras, mas com o mais simples impulso interior: invocar o nome de Deus com confiança durante o trabalho quotidiano pode ser o suficiente. O que importa é a vontade filial de nos apoiarmos no Pai e o esforço suavemente insistente para elevar para ele uma oração cheia de fé: esta perseverança toca infalìvelmente o coração de Deus. «Pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á» (*Mat.,* VII, 8).

Nada resiste à alma que confia no amor do Pai: ele próprio deve ceder à esperança fiel, ao abandono que invoca a sua bondade infinita. O próprio Espírito nos inspira esta conduta e nos revela estes segredos de poder e de amor. «É Deus que opera tudo em todos: é um só e o mesmo Espírito que opera estes dons, repartindo a cada um como quer» (I *Cor.*, XII, 6-11).

Ele não fala em feitos sobre-humanos nem em cuidados torturantes, mas em recolhimento, em verdade interior, em humildade e doçura, e principalmente em confiança e abandono filial. «Não vos aflijais, pois... O vosso Pai celeste conhece as vossas necessidades. Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o resto vos será dado por acréscimo» (*Mat.*, VI, 31-33).

A timidez espiritual, forma insidiosa e disfarçada do amor-próprio, só é desmascarada e repelida pela luz da graça. O despeito de nada poder nem valer coisa nenhuma transforma-se em gratidão: torna-se evidente que devemos entregar-nos ao próprio Deus. Entramos assim nas relações perfeitas que devem unir a criatura perdida e o Salvador que a encontra e a resgata: somos beneficiários sem mérito nenhum da nossa parte, enquanto ele é o doador e o dom inestimável. «Que tens

tu que não recebesses? E se o recebeste, porque te glorias como se o não tiveras recebido?» (I *Cor.*, IV, 7).

O nosso vil ardor em procurar a consideração e as boas graças dos homens tem como fonte a nossa falta de interesse pelas maravilhas que a graça quer operar em nós e a nossa cegueira perante a dignidade de filhos de Deus. O ciúme e a ambição que envenenam a vida do homem não têm outra raiz senão o desconhecimento dos seus privilégios divinos: o orgulho e a vaidade não se apoiam num apreço exagerado, mas num apreço irrisòriamente insuficiente por aquilo que é nosso, se o quisermos aceitar. Há um sentimento de inferioridade que é um insulto para Deus e um grave perigo para a alma. A psicanálise fala do recalcamento dos instintos mas desconhece a recusa das inspirações divinas, cujos efeitos são infinitamente mais nocivos para o ser racional. É este complexo que leva a alma a dobrar-se sobre o mundo material, depois sobre si mesma e, por fim, a atrofiar-se. Urge arrancar esse germe da morte, que é o desprezo do nosso verdadeiro destino e do dom de Deus. «Despojai-vos sem demora da vossa vida passada, do homem velho corrompido pelas paixões enganadoras; renovai-vos no espírito do vosso entendimento e revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeiras» (*Efés.*, IV, 22-24).

Devemos obedecer e submeter-nos: é a lei de toda a criatura enquanto não está incluída na ordem da graça, mas a mensagem de salvação que nos é dirigida é o remédio para todas as formas de miséria. Aprendamos a viver segundo o exemplo do Espírito: se isso parece uma escravatura aos homens que não conhecem a chave do seu ser, nós sabemos que é nisso que consiste a mais pura liberdade. «Não recebais em vão a graça de Deus, pois Ele diz: Eu te ouvi no tempo aceitável e te ajudei no dia da salvação» (*II Cor.*, VI, 2).

Mas se na verdade somos privilegiados, a gratidão obriga-nos, desde que tenhamos disso consciência, a confessá-lo diante de todos. Quando Deus é acusado e ofendido com blasfémias por causa dos males que os erros dos homens atraíram ao nosso mundo, é a nós, que somos seus filhos, que compete louvá-lo pela sua bondade e misericórdia infinitas. Está em jogo a honra do nosso Pai, que está sendo constantemente desconhecido e ofendido. Esta ideia é um tormento, mas é também uma faúlha que ateia a alma e a incita a dar-se totalmente. Ele quer, pelo menos segundo as suas forças, dar glória a Deus por toda a criação. Não há paixão mais nobre nem mais ardente do que esta impaciência filial em prestar ao Pai as honras que lhe são devidas, por

agir e sofrer, por dar a vida para que Ele receba o que os outros lhe recusam. Uma tal prodigalidade é uma riqueza infinita: é neste sentido que se diz: «A todo o que tem dar-se-lhe-á e terá em abundância, mas ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece ter» (*Mat.*, XXV, 29).

COLABORAÇÃO NA OBRA DIVINA

A coisa mais necessária às almas desejosas de servirem a Deus é a perseverança. Começa-se de manhã com um entusiasmo que vai diminuindo lentamente, de modo que ao meio-dia as resoluções da madrugada estão abandonadas por completo. Muitas vezes a causa é o peso do corpo, que oprime o espírito. E o remédio para isso é a pessoa habituar-se a reatar durante o dia o contacto com Deus, o sentimento da sua presença. Que uma fervorosa invocação a renove: «Jesus, meu Deus, creio em vós e espero em vós; amo-vos e o que estou a fazer neste momento, faço-o por amor de vós». Nada se deve perder: todas as ocasiões podem ser aproveitadas para alimentar esta vida interior e divina. Deus só nos pede o que Ele próprio nos concedeu — a graça de poder dar. O que ele quer é um coração humilde e uma oração ardente que implore com sinceridade a sua ajuda. Ele provê às nossas necessidades com graças suficientes e até

mesmo superabundantes, de maneira que nenhum obstáculo nos poderá meter medo: não há nada que tenha poder contra a bondade. «Ainda não tivestes nenhuma tentação que não fosse proporcionada à fraqueza humana; e Deus é fiel, o qual não permitirá que sejais tentados além do que podem as vossas forças, antes fará que tireis ainda vantagem da mesma tentação, para a poderdes suportar» (*I Cor.*, X, 13).

Devemos colaborar como se tudo dependesse de nós. Antes de tudo, devemos evitar escravizar-nos às nossas tendências e aos nossos gostos, pois a vida espiritual não é a procura de um prazer sensível, mas de uma sujeição paciente do sensível ao espiritual: Deus deu-nos o coração e o sentimento para que o ponhamos ao serviço do verdadeiro amor. O que não ultrapassa o sensível tem bem pouca nobreza: não é digno do Deus da verdade. É necessário que o coração manifeste a sua sinceridade por meio de obras, e seja experimentado no fogo do sacrifício. O verdadeiro amor tem a sua raiz na vontade: é a partir da vontade que ele orienta todas as pessoas razoáveis e determina a sua acção. Quando o nosso querer se submete perfeitamente ao de Deus e lhe corresponde, todo o nosso ser se harmoniza com a sua ideia eterna. Daí a insistente exortaçção do Senhor: «Porque vos é necessária a perseverança, para que, tendo

feito a vontade de Deus, recebais o fruto da sua promessa» (*Hebr.*, X, 36).

É um perigo para todas as almas desejosas de progresso, cuja intenção é ainda imperfeita, perder-se nos pormenores da vida quotidiana, parar nesta contabilidade moral, que é enganadora quando nos satisfaz e, muitas vezes, quando nos deixa descontentes. Pelo contrário, para voar para Deus num impulso livre e directo, não basta uma vontade forte: é necessário que a graça nos liberte do cuidado de nós próprios e que o Espírito nos leve para além dos respeitos humanos «Obedecei a vossos senhores temporais com reverência e solicitude, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo; não os servindo só quando sob as suas vistas, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo do coração a vontade de Deus, servindo-os de boa vontade, como se servísseis o Senhor e não os homens» (*Efés.*, VI, 5-7).

A nossa firme vontade de colaborar com Deus, de fazer frutificar os seus melhores dons, é contudo indispensável: ele não nos quer santificar sem nós. Devemos fazer render cem por um o talento que nos foi confiado: não é sem luta que seremos fiéis à graça, nem sem esforço que chegaremos a viver na presença de Deus. Só o servo

fiel dá a prova do seu amor. «Senhor, tu entregaste-me dois talentos: eis que lucrei outros dois. O seu Senhor disse-lhe: Está bem, servo bom e fiel, já que foste fiel em poucas coisas, dar-te-ei a intendência de muitas; entra na alegria do teu Senhor» (*Mat.*, XXV, 22-23).

Se quisermos viver sobrenaturalmente, não devemos transigir com nenhuma mesquinhez: só se pode servir a Deus de todo o coração, só um espírito aberto é capaz de reflectir a sua luz. Enquanto a pusilanimidade acompanha a fé, é sinal que esta se encontra ainda ligada a elementos da natureza; e quando a vida interior é profunda ela não deixa de criar na alma essa sensata audácia, essa liberdade de olhar e essa largueza de espírito sem as quais se não pode conceber um desabrochar das forças na graça. «Corri pelo caminho dos teus mandamentos quando dilataste o meu coração» (*Salmo* CXVIII, 32).

É por isso que as almas fiéis têm uma caridade compreensiva e delicada, que se sente à vontade em toda a parte e se satisfaz com tudo. Nenhum sacrifício é demasiado grande para elas, nenhum serviço a prestar é demasiado pequeno: não há madeiro de que elas não saibam fazer saltar a chama brilhante do amor. «Na honra e na ignomínia, na glória ou no desprezo... Como

tristes e no entanto sempre alegres; como pobres tornando muitos ricos, como nada tendo e possuindo tudo» (*II Cor.,* VI, 6-10).

Como é triste, pelo contrário, ver certas almas piedosas pararem à mínima dificuldade, dir-se-ia que preocupadas em fazer uma montanha de cada montículo, constantemente preocupadas consigo próprias e sempre prontas a julgar que lhes fazem mal! É preciso que uma sacudidela de coragem as arranque finalmente desta miséria: «elas que olhem para Jesus e sua Mãe nos seus indizíveis sofrimentos, e as suas pequeninas dificuldades desfazer-se-ão como gotas de água no oceano. A graça de Deus muda o sinal a todas as coisas: só ela tem o poder de dar um valor positivo ao mal que nós suportamos, e de fazer que o aceitemos com amor. «Corramos com perseverança na carreira que nos é proposta, pondo os olhos no autor e consumador da fé, Jesus, o qual, tendo-lhe sido proposto gozo, sofreu a cruz, não fazendo caso da ignomínia... Considerai, pois, aquele que sofreu tal contradição dos pecadores contra si, para que não vos fatigueis, desfalecendo em vossos ânimos» (*Hebr.,* XII, 2-3).

Mais de um cristão se julga pronto para grandes sacrifícios e de boa vontade empreenderia tarefas heróicas, e se descuida dos pequenos deveres como se estes

fossem indignos dele. Quem alimenta semelhante ilusão, perde-se miseràvelmente: nada é insignificante à luz do amor. Todos os actos animados pela caridade são de uma nobreza divina. Esquecemo-nos com demasiada frequência de que o Filho de Deus e sua Mãe viveram a maior parte da sua vida obscuramente, ocupados nas tarefas mais vulgares e humildes, e que nem por um instante deixaram de render ao Pai a plenitude da sua glória. Antes de nos ensinar, Jesus deu-nos o exemplo: «O que é fiel nas pequenas coisas é-o também nas grandes» (*Luc.*, XVI, 10).

Quem despreza o pormenor não tarda a cair nas mais graves fraquezas e por vezes até a perder pouco a pouco a noção do pecado. Se todos os discípulos de Jesus tivessem observado os seus preceitos sobre esta fidelidade, Judas não teria cometido o seu crime de acordo com a ameaça que é a contrapartida da promessa que acabámos de citar: «Quem é infiel nas pequenas coisas, sê-lo-á também nas grandes» (*Luc.*, XVI, 10).

Nada há de santo na vida da alma, que não possa ser profanado: por mais alto que ela suba, pode sempre cair. Mas, inversamente, nada há nela de profano que não possa ser santificado: demonstra-o a experiência dos santos que temos obrigação de imitar.

Entre as pessoas piedosas encontram-se algumas almas que pretendem atingir os graus elevados da oração e julgam ter direito, de certo modo, à mais íntima união, pelo simples facto de observarem pouco mais ou menos os mandamentos de Deus. Não têm consciência do conceito exageradamente elevado que fazem de si próprias, que constitui precisamente um obstáculo às verdadeiras graças de que nem sequer têm a sombra. Seria necessário que uma nova purificação as fizesse confessar primeiro com sinceridade que não possuem nem mérito nem valor e que dependem a todo o momento da misericórdia divina. «Quando tiverdes feito tudo o que vos mandarem, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer» (*Luc.*, XVI, 10).

Quando Deus passar a ser para nós a única Realidade, o ardor e a certeza viva transbordarão sobre o ambiente em que vivemos com uma força tal que arrebatará as almas: pois homem nenhum, nenhuma criatura pode impedir esta influência, esta doação espontânea da alma fervorosa a todos os que necessitam de apoio, de salvação e de socorro. O Mestre quer que o amor irradie do coração dos seus. «Eu roguei por ti, para que a tua fé não falte; e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos» (*Luc.*, XXII, 32). Estas palavras foram ditas a Pedro, mas são dirigidas a cada um de nós, pois ninguém

pode guardar para si os tesouros que lhe são confiados, se são verdadeiramente espirituais. O último de nós e o mais obscuro tem uma missão a que não pode esquivar-se. A Verdade quer que as nossas acções a manifestem, que todo o nosso comportamento o faça, que o nosso próprio ser, vivendo do seu amor, dê testemunho dela. Ai do homem que se envergonha da sua fé, pois o Senhor envergonhar-se-á dele: devemos combater por Deus e pelos seus direitos inalienáveis, custe o que custar. O Salvador predisse a história sangrenta da sua Igreja: «Lançar-vos-ão as mãos, e vos perseguirão nas sinagogas e nos cárceres, e vos levarão à presença dos reis e dos governadores, por causa do meu nome; e isto vos será ocasião de dardes testemunho da vossa fé. Assentai, pois, no vosso íntimo em não preparardes a vossa defesa, pois Eu vos darei língua e sabedoria a que não poderá resistir ou contestar qualquer dos vossos adversários. — Sereis odiados por todos por causa do meu nome, mas nem um cabelo se perderá da vossa cabeça. Pela vossa constância é que haveis de ganhar as vossas almas!» (*Luc.*, XXI, 12-19).

A nossa atitude interior deve ser uma constante docilidade para que Deus realize nela os seus mínimos desígnios: dar-lhe um lugar na nossa alma é prestar-lhe a homenagem que Ele se digna desejar. As almas em

que a sua acção não encontra obstáculos espalham a sua luz até nas trevas do pecado; é esta a missão do cristão: fazer brilhar a luz de Deus na escuridão dum mundo pecador. O que Deus concede pela sua divina presença — a sua verdade, o seu amor e o seu ser — é prodigalizado espontâneamente por aquele que vive dessa presença, mesmo sem que ele renove a sua intenção explícita. Não se dobrar demasiadamente sobre si próprio, sacrificar a sua vontade à vontade de Deus, e em todas as coisas desejar ùnicamente agradar-lhe em união com o seu Filho: quem assim vive não pode deixar de ser um sinal de salvação e de reconciliação para muitas almas perdidas: «Sede irrepreensíveis e sinceros filhos de Deus, sem culpa, no meio de uma nação depravada e corrompida, onde vós brilhais como astros do mundo» (*Fil.*, II, 15).

O MELHOR CAMINHO

A fidelidade a certas práticas religiosas não basta para tornar o homem interior. Aquele que merece verdadeiramente este nome não pára de rezar quando a sua boca emudece, nem de louvar a Deus quando tem de falar de coisas indiferentes. O perigo duma regularidade demasiado exterior é pôr limites à vida do espírito e tornar puramente mecânica a expressão da piedade. Quase que não é necessário insistir nisto, visto que o Evangelho nos adverte várias vezes do perigo: «Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim» (*Mat.*, XV, 8).

O que importa na vida espiritual não é o número das orações nem a acumulação das práticas, mas a continuidade de uma fé viva, o abandono generoso de si próprio e a união íntima com Nosso Senhor. O valor das virtudes mede-se pela sua fonte: os nossos actos valem pelas

nossas intenções, e desde que estas se elevem constantemente para Deus pela fé, pela esperança e pela caridade, não há nada na nossa existência que não possa ser uma acção de graças, que não dê glória eterna ao Pai. «Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus» (*Mat.*, VII, 21).

Enquanto não tivermos ouvido o chamamento a uma vida interior, não teremos compreendido bem as palavras de Cristo. E enquanto o nosso coração se contentar com palavras de rotina, quase automáticas, estaremos com certeza muito longe de cumprir o preceito: Amai com todo o vosso entendimento e de todo o vosso coração! É necessário que a nossa vida seja tocada por ele, e até que a nossa pessoa deixe de nos pertencer para se entregar toda ao amor: a intimação de Deus não pode ter outro sentido. À medida que nos aproximamos de Deus, opera-se uma transformação no nosso ser, que se espiritualiza e se adapta àquilo que ama. Seria um grande perigo para a nossa alma se ela se limitasse a fórmulas, a gestos convencionais e não explorasse essa parte mais profunda onde Deus a espera. «Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Porque é destes adoradores que o Pai procura. Deus é espírito; e em espírito e ver-

dade é que o devem adorar os que o adoram (*João*, IV, 23-24).

Mais de um caminho se apresenta ao homem que quer caminhar na luz seguindo os conselhos do Mestre. Uns entregam-se a uma vida de penitência, outros procuram o retiro e a solidão, outros ainda sentem-se chamados para a pobreza evangélica: cada um destes meios é adoptado e valorizado de maneira especial por certas famílias religiosas. Mas que seria da pobreza, da solidão e até da penitência, se não fossem animadas de uma intenção pura e verdadeiramente divina? Na verdade, podemos abandonar o mundo e os seus prazeres, aprender a renunciarmos a nós próprios e a dominarmo-nos com uma intenção egoísta; não é necessário ser-se cristão para ter qualquer destes ideais: a Grécia e a Índia tiveram heróis do ascetismo filosófico que não se aproximaram sequer da santidade. Nenhuma virtude deve ser despregada, porque o que ocupa o lugar que ficou livre por essa falta de vigilância é sempre uma forma de amor-próprio: o que importa precisamente é não descurar um dever, enquanto estamos cumprindo outro. E como o perigo desta parcialidade está espreitando constantemente a nossa vontade imperfeita, precisamos de apoiar a nossa acção, a nossa própria visão dos valores, no ponto mais alto — o mais seguro. É Deus que no-lo

indica, felizmente, e nos convida a ele pela boca do Apóstolo: «Aspirai, pois, aos dons melhores. E eu vou mostrar-vos um caminho ainda mais excelente. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa, ou como um címbalo que tine. E ainda que eu distribuisse todos os meus bens no sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada me aproveita» (I *Cor.*, XII, 31 — XIII, 1-3).

Por mais medíocre que a nossa vida tenha sido até agora e por mais desanimadora que nos pareça a sua recordação, não temos nenhum motivo para pôr de parte este recurso: pelo contrário, é nosso dever pedir à fonte suprema que nos dê as forças que nos faltam, que nos faça voltar o amor eterno. As faltas cometidas nunca devem servir de pretexto para uma timidez da alma, como se o amor de que ela precisa estivesse reservado para almas escolhidas. Na verdade, não é assim que fala o divino Mestre: quando uma pecadora pública ousa banhar-lhe os pés com as suas lágrimas e enxugá-los depois com os cabelos, toma a sua defesa contra as críticas do Fariseu, homem justo, contudo, e de conduta irrepreensível: «Não me deste o ósculo da paz, e esta, desde que entrou, não cessou de beijar os meus pés. Não ungiste a minha cabeça com bálsamo; e esta ungiu

com bálsamo os meus pés. Pelo que te digo: são-lhe perdoados muitos pecados, porque muito amou» (*Luc.*, VII, 45-46).

A caridade deve fecundar toda a nossa vida, é ela que devemos procurar em todas as coisas e deve ser a razão constante das nossas acções. É preciso deixarmo-nos guiar pelo amor para que ele cresça na nossa alma. Ninguém falou de caridade com mais entusiasmo do que o convertido de Damasco, e ninguém se deixou levar mais por ela do que ele próprio, que tão ardentemente desejava a morte libertadora para estar com Cristo. «Porque o amor de Cristo nos constrange, diz ele, pois sabemos que Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles» (*II Cor.*, V, 14-15).

Deus obrigar-nos-ia quase, pelo poder do seu amor, a entregarmo-nos a Ele: no entanto, rigorosamente, ele não exerce pressão sobre a alma, pois criou-nos livres e o amor vive de liberdade.

A caridade é o laço vivo entre o Pai e o Filho: ela deve ser também o laço que liga as vontades e as inteligências para as unir a Deus. É um dom inestimável que recebemos no baptismo: mal chegamos a este mundo, Deus confere-nos o direito de cidadania no Céu. O seu

Espírito, como uma porta interior, derrama em nós a caridade divina: «O amor de Deus está derramado em nós, diz São Paulo, pelo Espírito Santo, que nos foi dado» (*Rom.*, V, 5).

Nós, a quem Deus escolheu para combatermos em seu nome, não podemos, de maneira nenhuma, contentar-nos em cultivar esta ou aquela virtude: não há nenhuma, seja dito mais uma vez, que não seja necessária. Elas crescem e frutificam à medida que cresce o amor; da mesma maneira perdem o brilho e o valor à medida que a caridade enfraquece. E é isso que o Apóstolo nos faz ver: «Acima de tudo isto, tende caridade, que é o vínculo da perfeição» (*Col.*, III, 14). «Que todas as vossas obras sejam feitas em caridade» (*Cor.*, XVI, 14). O amor não descansa senão quando alcança uma vitória total: como não há-de isto ser verdade, antes de tudo, para o amor infinito que deu tudo e não pode satifazer-se com fragmentos ou restos da nossa capacidade de amar?

O amor sabe aproveitar todas as ocasiões para tocar o coração do amado: nas horas de alegria, dá graças; nas horas de dor prova a sua fidelidade. A aceitação filial de tudo o que nos cabe, a calma certeza de que nada acontece sem uma intenção da caridade divina para connosco — por mais doloroso que o acontecimento nos pareça —, este consentimento e esta confiança são uma

oração constante, graças à qual tudo se vive por amor de Deus. Deste modo, a nossa conduta está de harmonia com o eterno desígnio, «vivemos de acordo com o fundo das coisas».

Uma intenção recolhida e renovada durante o dia tantas vezes quantas as nossas ocupações materiais no-lo permitam, mantém o nosso coração elevado para Deus: é uma oferta que o mais pobre dos pecadores está à altura de fazer, quando considera a sua miséria. Aos pés da cruz, diante do tabernáculo, nos momentos sagrados que se seguem à santa comunhão, unimo-nos a Jesus nosso amigo, e qualquer que seja a razão que nos afasta dele, podemos voltar sem demora para Cristo num novo impulso de amor. Percorrendo assim com Ele o caminho da nossa vida, somos levados a compreender melhor a sua palavra que se resume neste preceito e nesta promessa de amor — como reconheciam, depois de terem caminhado na sua divina companhia, os discípulos de Emaús: «Não é verdade que sentíamos abrasar-se-nos o coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» *(Luc.,* XXIV, 32).

À SEMELHANÇA DE DEUS

Quando encontramos o caminho que nos leva sem desvios ao coração de Deus, o que mais o glorifica e nos dá a certeza do seu fim, descobrimos só com um olhar a infinita urgência do amor. Não podemos ignorar este convite a darmos tudo o que temos e a juntarmo-nos àquele que nos chama: a linha traçada é imperiosa e é o homem inteiro que é preciso comprometer para a seguir.

As pequenas cruzes e contrariedades que até aqui tantas vezes perturbavam a nossa existência quotidiana passarão a ser aceites como aquilo que são realmente: testemunhos do amor de Deus. A fidelidade desta aceitação bastaria para nos preservar da tibieza e para nos conservar vigilantes no amor. «Que a vossa conduta seja digna de Deus, agradando-lhe em tudo, frutificando em

todas as boas obras, e crescendo na ciência de Deus; confortados com toda a fortaleza pelo seu poder glorioso, para suportar tudo com paciência e longanimidade e alegria, dando graças a Deus Pai» (*Col.*, I, 10-12).

Todo o amigo gosta de conhecer melhor o seu amigo, para poder satisfazer mais fielmente os seus desejos e unir-se-lhe totalmente em espírito. É por isso que gostaríamos de reduzir em nós próprios o mundo ao silêncio e dominar a nossa natureza, para ouvir no nosso coração o hóspede divino e cumprir todas as suas vontades. Com o espanto duma criança que descobre o Universo, veremos cada vez mais claramente, onde os nossos olhos espirituais nada viam antigamente, a acção e a ordem de Deus. «O que eu peço é que a vossa caridade cresça mais e mais em conhecimento e em todo o discernimento, para que possais distinguir o melhor, para que sejais sinceros e irrepreensíveis para o dia de Cristo» (*Filip.*, I, 9-10).

A oração e o esforço quotidiano não têm por fim levar Deus a fazer a nossa vontade, mas sim a realizar a sua vontade a nosso respeito e em nós próprios, ainda que o preço seja o sangue do nosso coração. É este o sentido e o fim da vida espiritual. A mais santa e a mais eficaz das orações deve andar com frequência nos nossos lábios e sempre nas nossas intenções. «Seja feita a vossa

vontade, assim na terra como no céu!» Deus quer — é esse o seu soberano desejo e a sua glória em nós próprios, — que comecemos desde já a servi-lo como no céu, que sejamos conformes com o Verbo e divinizados, segundo o convite do Evangelho. A acção da graça na alma é tão radical, tão poderosa, que pode realizar no tempo, e apesar do tempo, esse eterno desígnio do Pai. «Ora a vida eterna é esta: que te conheçam a ti como um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste» (*João,* XVII, 3).

O Filho que vive em nós sobe para o Pai com a sua humanidade glorificada. Cumpriu-se a sua missão na terra, e Ele envia-nos o seu espírito para que esta perdure. «Glorifiquei-vos na terra e acabei em vós a obra que me tínheis confiado». Esta missão continua na nossa vida, de maneira que entre nós, Jesus nunca deixa de louvar o Pai. É esta a finalidade da sua incarnação, a razão por que «se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de servo e tornando-se semelhante aos homens» (*Fil.,* II, 7). Não procurou nenhuma glória para si, apenas se preocupou com a glória do Pai. Ora, para que isto se realize, é necessário que cada um de nós seja filho, que deponha no Pai, com Jesus, a plenitude da justiça, da gratidão e do amor. «Por esta causa dobro os meus joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do

qual toda a família que está nos céus e na terra tira o nome» (*Efés.,* III, 14-15).

Foi com este fim que o Filho desceu à terra, mais humilde e obediente que todos nós, despojado de todo o brilho e de todas as honras. «Embora possuísse a natureza de Deus, não guardou avaramente a sua condição divina» (*Filip.,* II, 16). Por isso é que as trevas ficaram sem forças contra a luz. O que o pecado desfigurava torna-se outra vez puro e verdadeiro, o que era maldito santifica-se, e os filhos das trevas tornam-se filhos da luz, desde que aceitem com toda a simplicidade o dom de Deus. O verbo eterno espalha sobre ele os seus raios vivificantes: «Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. É por eles que eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade» *(João,* XVII, 18-19).

Devemos ser santos para cumprirmos a missão que nos está confiada, para comunicar aos homens a luz e a caridade de Cristo, de maneira que a sua obra não seja interrompida. Já não se trata de ganhar um pequeno grupo de almas para o reino dos céus numa província perdida do império: é preciso que a caridade se estenda até às fronteiras do mundo e em todos os corações feitos para amar. «Em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará outras

ainda maiores, porque eu vou para o Pai. E tudo o que fizerdes ao Pai em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho» (*João*, XIV, 12-13).

Por que razão havemos de nos deixar intimidar pelo sentimento da nossa miséria — que significado têm os nossos cálculos — se é verdade que não pertencemos a nós próprios nem defendemos a nossa causa, mas pertencemos a Deus e estamos encarregados da causa de Cristo? «Este, porque permaneceu sempre, tem um sacerdócio que não passa. Por isso pode salvar perpètuamente os que por Ele mesmo se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por nós» (*Hebr.*, VII, 24-25). O nosso irmão mais velho conhece-nos, sabe que precisamos sempre da sua ajuda, que ficaríamos imediatamente perdidos se ela viesse a faltar-nos; vê como é breve a nossa existência e poucas as nossas forças, sabe com que facilidade nos perdemos e como somos atraídos pelos falsos bens deste mundo; sabe até que ponto a nossa vontade é dominada pelos sentidos e que a nossa humildade raramente é sincera. «Daí vem que Ele deveu em tudo ser semelhante a seus irmãos, a fim de ser diante de Deus um pontífice misericordioso e fiel no seu ministério, para expiar os pecados do povo. Pois que, porque Ele mesmo sofreu e foi tentado, é que pode socorrer aqueles que são tentados» (*Hebr.*, II, 17-18).

Na luz que ele nos traz, vemos que não estamos abandonados a nós próprios. Na verdade, os nossos recursos não se limitam à nossa natureza. Deus é o nosso princípio e o nosso fim — só Ele nos basta. «Que Cristo esteja em todos. — Deus será tudo em todos!» (*Col.*, III, 11; *Cor.*, XV, 28).

Nós pertencemos a Deus: esta é a nossa consolação, a nossa força invencível. «É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus» (*João*, XVII, 9).

Nós somos a glória do Filho, que Ele conquistou pelo sacrifício da Cruz, como Ele é a glória eterna do Pai. Assim como Ele glorifica o Pai para sempre, assim também é glorificado a todo o momento pelos seus, que realizam na terra a sua obra: «Todas as minhas coisas são tuas e todas as tuas coisas são minhas; e nelas sou glorificado» (*João*, XVII, 10).

Se a nossa fé é um acto vivo, se estamos arraigados no amor, deixamos de respirar o ar asfixiante deste mundo para respirarmos o Espírito de Deus e permanecermos para sempre na sua unidade. «Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal; eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo»

(*João*, XVII, 15-16). Não podemos perder-nos se a nossa vida for o cumprimento da sua palavra, pois Cristo faz-nos entrar por meio dela na mais íntima comunhão com o seu Deus e o nosso Deus, o seu Pai e o nosso Pai. «Eu já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós!» (*João*, XVII, 11).

NOBREZA ESPIRITUAL

É no mundo do homem, em que tudo lisonjeia os sentidos e a vaidade, que devemos criar uma solidão sagrada, praticar a renúncia e deixarmo-nos despojar de acordo com as exigências da graça. Mas nenhuma perda resulta para nós de tudo isso: de cada vez que renunciamos a uma satisfação aparente, é-nos assegurado um aumento de verdadeiros bens. Os prazeres que o mundo procura são uma decepção constante, gelam o coração e deixam-no vazio diante da morte, enfraquecem o seu instinto de nobreza e privam-no da sua paz, e levam-no muitas vezes ao desespero. Pois este mundo continua surdo à palavra de Cristo e recusa-se a acreditar na verdade que lhe diz respeito, defende-se com a ira contra a alegria de Cristo, contra Deus e contra os seus, cuja sentença receia. «Agora vou para ti; e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo. Dei-lhes a tua pala-

vra e o mundo os odiou, porque não são do mundo, como também eu não sou do mundo» (*João*, XVIII, 13-14).

Não é o nosso valor pessoal que nos torna dignos do olhar de Deus: ele só procura em nós a imagem do seu Filho, o fruto da sua paixão e a riqueza que mereceu para nós morrendo por nós. Esta lembrança do amor infinito é, infelizmente, ignorada pela maior parte dos homens, e parece estar perdida para eles. Outros, embora não a desconheçam completamente, só tiram dela um medíocre proveito, porque não penetram em espírito até à sua realidade profunda e só traduzem na sua vida uma parte mínima dela. Teremos nós a coragem de pagar com tão grande ingratidão a generosidade divina? Sermos chamados à dignidade de filhos de Deus e termos a possibilidade ilimitada de tirar dos tesouros da sua graça uma semelhança cada vez maior com o Filho, é um destino que não pode ser comparado com nenhum daqueles que as potências criadas nos prometem. Deus quer comprazer-se em nós e o seu desígnio eterno é tornar-nos semelhantes a Jesus. «Porque os que Ele conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho, para que Ele seja o primogénito entre muitos irmãos» (*Rom.*, VIII, 29).

Não há ninguém que não seja convidado para esta glória: para nela participar, basta seguir fielmente as inspirações da graça, viver interiormente e procurar o essencial, isto é o amor em todas as ocasiões que se nos depararem durante o dia. Não temos nenhuma razão válida para retardarmos o nosso consentimento, para continuarmos a preferir as vozes da natureza e os ruídos do mundo à oração de Cristo. Quem não procura a união com Deus e não mantém com ele uma relação viva, é porque prefere uma pobreza sórdida aos dons mais ricos que o Espírito incita constantemente a aceitar. Deus não afasta nenhum homem da sua amizade; pelo contrário, insiste com todos de tal maneira, que o seu convite quase que força as vontades rebeldes, e toda a tragédia das nossas vidas consiste neste desprezo que opomos à generosidade divina. O ambiente frio da ausência de Deus dá-nos um antegosto da condenação eterna: em vez de um céu interior, é um inferno que trazemos dentro de nós, quando o elo se rompeu por culpa nossa. Pois infelizmente temos o poder de asfixiar a semente que foi posta na nossa alma para crescer e dar fruto. Todo o nosso tempo, todas as nossas forças, as nossas faculdades e as nossas capacidades devem ser consagrados a este crescimento da vida eterna. Os objectos e os actos mais insignificantes devem continuar a alimentá-la para que nada se perca da obra de Deus.

Com efeito, não há nada que não possa e não deva ser santificado pela dádiva, que não possa servir para a glória do amor numa criatura humana unida ao Verbo divino. Não recusemos nada do que nos é pedido para esta vida misteriosa dentro de nós, e vê-la-emos desenvolver-se até à plenitude que ultrapassa todas as palavras. «Até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado do homem perfeito, segundo a medida da idade completa de Cristo; para que não mais sejamos meninos flutuantes, e levados, ao sabor de todo o vento de doutrina, pela malignidade dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro, mas, praticando a verdade na caridade, cresçamos em todas as coisas naquele que é a cabeça, o Cristo» (*Efés.*, IV, 13-15).

Acontece com a vida interior o mesmo que acontece com a vida vegetal e os cuidados que esta requer: é preciso eliminar todas as excrescências adventícias ou anormais que fariam desviar o seu impulso e ameaçariam o seu fruto. Daí o conselho para visarmos a única coisa necessária, para não nos perdermos no que é meramente acidental. Para levar até à sua plenitude a obra que Deus começou em nós, precisamos de ter uma consciência delicada, que compreenda logo as sugestões de Deus, e uma coragem viril para as seguir sem compromissos. Que seja Deus a única razão profunda e o motivo de todas as nossas acções! Nenhuma autoridade no mundo tem

o direito de nos desviar. Lutaremos sempre para manter a nossa intenção pura e agradável a Deus. «Se o teu olho for simples, todo o teu corpo terá luz» (*Mat.*, VI, 22).

O Salvador diz que são bem-aventurados os pobres em espírito, que não estão presos às coisas deste mundo, e não querem possuir mais nada senão Ele. Não têm o coração fechado no horizonte duma riqueza terrestre: têm-no aberto para o céu. Não estão à espera dos privilégios dos primeiros lugares, nem das vantagens da fortuna: não procuram parecer grandes aos olhos do mundo, sabem que não são nada diante de Deus, que distribui pelos humildes as suas riquezas e lhes revela os seus segredos. Foi para nos advertir que Cristo proferiu estas ameaças: «Ai de vós, ricos! porque tendes a vossa consolação neste mundo! Ai de vós, os que estais saciados! Ai de vós quando os homens vos louvarem!» (*Luc.*, VI, 24-26).

A renúncia àquilo a que os homens chamam riqueza é uma das primeiras garantias da liberdade interior. Bem-aventurados os que se despojam e se deixam despojar em espírito de fé! A sua pobreza de um dia transformar-se-á em riqueza duradoura e alcançarão a paz. Eles não a trocariam por todos os tesouros do mundo:

são as arras da eternidade. «Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus!» (*Mat.*, v, 12).

Conservarmo-nos voltados para Deus em todas as nossas ocupações não significa, de nenhum modo, abandonar o próximo, ignorar as realidades que nos cercam. O dever mais elevado não exclui a fidelidade às ocupações secundárias; pelo contrário, inspira-a e exige-a. Aqueles cujo espírito se volta para a verdade primária são os que se entregam às tarefas mais insignificantes: encontram nelas o clarão da glória divina, tão puro como nas ocupações que — sem razão — costumam ser consideradas como nobres ou importantes. Ouvem constantemente as palavras de Cristo: «Tudo o que fizeste a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (*Mat.*, XXV, 40). «E todo o que der a beber um único copo de água fria a um destes pequeninos só a título de ser meu discípulo, na verdade vos digo que não perderá a sua recompensa» (*Mat.*, X, 42).

O crescimento e o desabrochar da semente divina nas almas fiéis é um espectáculo que os anjos contemplam. Ultrapassa o horizonte dum destino pessoal: ressoa na harmonia dos mundos, a quem esta sagração de uma criatura confere uma nova beleza. Se a história registasse os acontecimentos segundo a sua importância real, uma

alma que se torna filha de Deus ocuparia um lugar muito mais importante do que as coroações e as conquistas. Assim como o pecado perturbou todo o universo, assim também o regresso do homem à intimidade divina restitui à criação a ordem e o brilho perdidos. Um inimigo de Deus que se torna seu amigo é uma aurora mais luminosa do que a de um novo sol no firmamento. «Os justos brilharão como o sol no reino do seu Pai» (*Mat.,* XIII, 43).

Logo que o homem, vivendo da fé, renuncia generosamente a si próprio, fica inundado de luz e transformado pelo amor. Mas primeiro é necessário que à nossa volta o mundo se tenha reduzido ao silêncio, ou pelo menos que a sua voz seja dominada pelo *sim* e pelo *ámen* da alma que responde à graça divina. É este diálogo interior que dá sentido ao universo e habitua o homem à condição eterna. «Vós já não sois hóspedes, nem adventícios, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus» (*Efés.,* II, 19).

A criatura entra assim na mais íntima relação com o Criador, que se inclina para ela com terna solicitude para satisfazer os seus desejos. «Conforme a determinação eterna que ele realizou em Jesus Cristo Nosso Senhor, no qual temos segurança e acesso a Deus com confiança, por meio da fé nele» (*Efés.,* III, 11-12).

O amor não escolhe palavras, exprime-se sem se importar com fórmulas ou convenções: «A boca fala da abundância do coração» (*Mat.*, XII, 34). De resto, quando dois corações que se amam se encontram um com o outro, o silêncio é muitas vezes mais expressivo do que as palavras: traduz melhor a comunicação imediata duma plenitude. Que alegria entregarmo-nos totalmente a Jesus e pertencermos-lhe sem condições! E que enriquecimento para nós se, recolhendo-nos, soubermos dar lugar ao Espírito de Cristo, num consentimento de todo o nosso ser, numa comunhão muda de alma com alma! É isto que o Mestre espera de nós: quer-nos unidos a ele com toda a simplicidade, para que o nosso coração, no meio das preocupações e dos deveres de estado, não se afaste um só instante da sua presença. «É preciso orar sempre e não cessar de o fazer» (*Luc.*, XVIII, 1).

É uma coisa que ultrapassa as nossas capacidades naturais, mas se, ajudados pela sua graça, cumprirmos fielmente as condições enunciadas no Evangelho de Cristo, podemos estar certos de que ele se antecipará aos nossos desejos. Pois ele tem sede de se dar e de espalhar o seu amor sobre os homens, que se mostram tão ingratos para com a caridade infinita e parecem desprezar as suas tentativas de aproximação. Até mesmo entre aqueles que parecem querer dedicar-se ao seu serviço de

coração sincero, encontramos muitas vezes uma imperfeita consciência das exigências e dos dons do amor: o próprio zelo que os leva à acção parece tornar impossível o calmo abandono em que estabeleceria com Deus uma relação interior, pessoal e viva. Contudo, esta união não poria o mínimo obstáculo à sua actividade, e nada os desculpa de não fazerem caso da fonte mais rica que o Criador fez brotar: ele quer agir pelas nossas mãos, quer que sejamos instrumentos ao seu serviço, instrumentos dotados de liberdade e de vida sobrenaturais, na medida em que se prestam à vontade divina. É assim que o homem se realiza e se ultrapassa. «Todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (*Rom.,* VIII, 14).

Deixarmo-nos armar cavaleiros de Cristo é entrarmos na família divina: já não estamos sós, estamos acompanhados pelo céu que trazemos dentro de nós. «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele morada» (*João,* XIV, 23).

Tal é a abundante recompensa que nos traz a fé vivida no amor; os horizontes humanos foram ultrapassados; doravante é com Deus que contamos para nos guiar: ele ilumina os nossos passos e mostra-nos o cami-

nho. A única coisa que precisamos de fazer é segui-lo: a noite acabou, a luz da alvorada anuncia-nos o dia eterno. A terra ainda está na sombra, é verdade, mas ela diminui cada vez mais e desaparece ante a pureza da manhã. A própria sombra é testemunha da aproximação da luz que a projecta. A verdadeira luz revelou-se aos nossos olhos e apareceu-nos. «Naquele dia vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós em mim e eu em vós» (*João,* XIV, 20).

EXCESSO DIVINO MEDIDA DIVINA

O que nenhum homem disse nem podia dizer como homem, foi-nos revelado pelo Filho, transpondo por nós o limiar do inefável e dando-nos a conhecer, não o eco, na própria palavra do Pai, a realidade da vida interior de Deus. No cimo da história do mundo, quando o inferno inteiro se desencadeia para precipitar na catástrofe o drama da criação, enquanto as forças satânicas lançadas ao assalto do céu procuram afogar no ódio a obra da misericórdia, vemos nós triunfar o amor. Para ganhar o objecto desta luta — o coração humano — Deus ultrapassa todos os limites e, em certa medida, rompe a medida do nosso pensamento. «Antes do dia da festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora, de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (*João*, XIII, 1).

Um dos íntimos de Cristo recusa-lhe o seu coração e Satã entra nele; um apóstolo afasta-se de Deus e fica cego. Sai de noite — a pior de todas as noites — para entregar o Filho do Homem ao ódio dos seus inimigos. aos suplícios e à morte. Mas o amor triunfa e a sua luz brilha como nunca, nesta hora de trevas. «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida: ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, também certamente conheceríeis meu Pai; mas conhecê-lo-eis bem cedo. Acreditai nas minhas palavras: meu Pai está em mim e eu estou nele» (*João,* XIV, 6-7 e 11).

Este caminho que o excesso do amor nos mostra é o nosso: o homem, errante e cativo na terra, só no absoluto encontra o seu lar. Ouçamos a verdadeira sabedoria da boca do divino Mestre: ela convém-nos precisamente porque é suprema; penetremos com ela até ao fundo da verdade: «Aquele que retém os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama: e aquele que me ama será amado por meu Pai; e eu o amarei e me manifestarei a ele» (*João,* XIV, 21).

A alma que acede ao convite do perfeito amor torna-se misteriosamente parecida com ele. A semelhança com Deus põe-na em relação imediata com a Santíssima Trindade. A sua participação na vida divina, no conhecimento

e na caridade, ultrapassa infinitamente as fronteiras das nossas esperanças, cresce com a infusão constante da graça, até que o Pai encontra não só a imagem do seu Filho reproduzida nessa alma mas até mesmo o seu Filho vivo. «O Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; mas isto se sofrermos com eles, para ser com eles glorificados» (*Rom.*, VIII, 16-17).

Jesus fortifica-nos e ilumina-nos para não pararmos no nosso caminho e para que o nosso amor não deixe de crescer. Na verdade, tomamos parte no conhecimento de Deus, na caridade com que Ele se ama. É por isso que o Apóstolo se dirige «aos que connosco tiveram por sorte a mesma fé, pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, ...a quem foram dadas tão grandes e preciosas promessas, a fim de que se tornem participantes da natureza divina, fugindo da corrupção da concupiscência que há no mundo» (II *Pedro,* I, 1-4). A glória armou a sua tenda no meio de nós e convida-nos, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, à mais íntima familiaridade. «Para que possais compreender qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade do amor de Cristo para com os homens; e conhecer também aquele amor de Cristo, que excede toda a ciência, para

que sejais cheios de toda a plenitude de Deus» (*Efés.*, III, 18-19).

Nunca uma língua humana falou como Jesus na sua Oração Sacerdotal, em que Cristo dá a si próprio o mais solene testemunho, em que a verdade viva nos desvenda o seu segredo, em que o Verbo pede que aqueles que ama formem com ele uma pura unidade, semelhante à que Ele forma com o Pai. Nunca subiu ao céu uma oração mais santa, mais poderosa e mais segura, uma oração feita com mais absoluta dedicação do que esta prece de Deus-Homem. Ela permite-nos lançar um olhar profundo para os abismos da misericórdia; são palavras claras que nos revelam até que ponto se eleva a condescendência de Deus. «Pai, é chegada a hora, glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique a ti: assim como lhe deste poder sobre todos os homens, dá-lhe também que Ele dê a vida eterna a todos os que lhe confiaste» (*João,* XVII, 1-2).

As palavras de Cristo estão próximas da nossa vida, porque brotam directamente da fonte divina. Nada têm de friamente teórico e vão logo direitas ao coração, que a infância evangélica o torna sensível à acção divina. Pois os interesses pelos quais os homens perdem a liberdade, o ar falsamente sério de uma falsa maturidade, distrai a

alma, embota e cega a sensibilidade do espírito. É preciso abandonarmos o mundo, ainda que continuemos nele; é preciso, principalmente, abandonarmo-nos a nós próprios para nos comovermos com a divina nova do amor de Cristo, que ele não cessa de nos anunciar interiormente.

Logo que a alma cede ao convite da caridade e da graça, fica apta a entrar no Santo dos Santos que se abre no mais íntimo do seu ser. É aí que o Pai mora e gera o Filho. E na medida em que o homem recebe com delicada passividade o que Deus lhe dá, ganha as forças necessárias para as obras que o Pai espera dele. Para quem sabe ouvir o Verbo divino, a vida não é mais que um único cântico de louvor, feito de acção e de oração, nessa plenitude de unidade que Cristo nos prometeu «Eu neles e tu em mim, para que sejam consumados na Unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste, como me amaste também a mim» (*João*, XVII, 23).

A comunidade dos corações unidos a Deus e ao seu Filho no amor não é, sem dúvida, numerosa: mas foi a este pequeno rebanho que Cristo disse que não temesse. É destas almas que o mundo recebe secretamente a sua luz. São elas que Deus quer guardar como o Sol da terra. «Porque foi do agrado de vosso Pai dar-vos o reino» (*Luc.* XVII, 32).

Que o raio da graça, entrando nos corações divididos, os restitua à sua simplicidade. Que o amor faça reinar em cada um de nós a unidade e a sua profunda paz: esta é a condição necessária e suficiente para que deixem também de existir as divisões e as lutas entre os homens, que tanto afligem o mundo. O desejo de Cristo de nos unir nele, na caridade do Pai, é imenso: é infinito como o próprio Deus. Se Jesus nos deu a conhecer o nome do seu Pai foi para que a gratidão filial e a caridade fraterna nos tornassem verdadeiramente seus filhos, certos da morada que os espera, da herança que lhes está prometida e do fim para que foram criados. Pois estes bens são inteiramente nossos, desde que o homem, adoptado como filho de Deus, aceite a sua santa vontade.

Somos muitas vezes incapazes de cumprir obrigações secundárias e aparentemente fáceis, porque não aceitamos a missão interior e sublime que Deus nos confiou. Consentirmos no nosso destino, sabermos que somos co-herdeiros e irmãos de Cristo, é a primeira condição da união e das próprias purificações que nos levam à união. O espírito não deve ter uma saúde débil, uma respiração avara sufoca-o. O recalcamento do divino na nossa alma é que é a causa do nosso desequilíbrio e da nossa fraqueza. Ouçamos a pura eloquência do Absoluto:

ela fará empalidecer a palavra terreno e toda a ciência dos homens, e conduzir-nos-á sem desvios à eterna Fonte, cuja generosidade passará a ser nossa. «Todos nós participamos da sua plenitude» (*João*, I, 16). «Sede cheios da plenitude de Deus» (*Efés.*, III, 19).

A fé tímida de quase todos os cristãos desconhece o alcance destas revelações, faz que eles ignorem os recursos infinitos da graça e a maravilhosa liberalidade do amor, no convite que nos faz para participarmos na sua vida. Nenhuma medida humana é válida para ele: nem o tempo, nem o espaço põem limites a este reino em que reina a unidade e que não conta os seus dons. Evitemos pôr as promessas divinas no plano dos nossos compromissos. Quem não as aceita com uma fé generosamente vivida, fica na verdade surdo e insensível perante elas, pode apreender o seu sentido material, mas é-lhe vedada a compreensão do seu conteúdo divino. «O homem animal não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus, porque, para ele, são uma estultícia e não as pode entender; porque elas ponderam-se espiritualmente. — O espírito tudo penetra, mesmo as profundidades de Deus» (I *Cor.*, II, 14 e 10).

O ESPÍRITO NOVO

Quando nos incorporamos no Filho, uma perfeita intimidade com Ele é o legítimo objecto da nossa esperança, a finalidade dos nossos desejos e dos nossos esforços. Ele cresce em nós e dilata o nosso ser, de maneira a tornar-nos cada dia com mais capacidade para o divino. O homem renovado pela graça tira todas as suas faculdades das riquezas abundantíssimas do Verbo, enquanto se despoja de si próprio para se revestir da santidade de Cristo. A incorporação inunda-nos de dons sempre novos: a força do Espírito Santo, o poder divinizante da graça, a glória de que esta vida de união está já secretamente cheia. «Vós, pois, como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos de entranhas de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modéstia e de paciência» (*Col.,* III, 12). «Embora se destrua em nós o homem exterior, todavia o interior vai-se renovando de dia para dia» (*II Cor.,* IV, 16).

A fusão da alma com Cristo opera-se no próprio fundo do ser e no princípio do tempo: os símbolos tira-

dos da união de substâncias criadas não podem traduzir esta unidade incomparável e sempre nova forjada pelo amor. «Para que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós» (*João,* XVII, 21).

Deus não põe de parte o que começou; pelo contrário, não cessa nunca de o aperfeiçoar na alma: ele quer que Cristo cresça em nós até à plena harmonia da idade adulta. O seu Espírito aproxima-se constantemente do Pai para nos unir mais intimamente a Ele. «Porque todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Porque vós não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, mercê do qual chamamos, dizendo: Abba (Pai)» (*Rom.,* VIII, 14-15).

À medida que o conhecimento de Deus cresce dentro de nós, torna-se mais viva a nossa fé no Pai. Quanto mais clara é para nós a evidência de que Deus é caridade, mais pronta fica a nossa alma para se perder nos abismos desse amor. Participamos do amor do Pai pelo Filho, e é com Cristo que repousamos no seio do Pai. «Livrou-nos do poder das trevas e transferiu-nos para o reino do Filho do seu amor» (*Col.* I, 13). Deste modo, a vida partilhada com Cristo introduz-nos na pátria da sua eterna glória. «Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu conheci-te;

e estes conheceram que tu me enviaste. Eu fiz-lhes e far-lhes-ei conhecer o teu nome, a fim de que o amor, com que me amaste, esteja neles, e eu neles» (*João,* XVII, 25-26).

Todos os homens podem viver desta inebriante verdade se se deixarem libertar por ela, se, deixando de fazer das criaturas objecto do seu desejo, as atravessarem a correr como frágeis degraus, como meios inteiramente ordenados para a finalidade divina. «Nós conhecemos e cremos na caridade que Deus tem por nós: Deus é caridade» (*I João,* IV, 16).

Deus procura arrancar-nos cada vez mais a nós próprios, a fim de que já não vivamos para nós, mas d'Ele e para Ele. A minha vontade, o meu coração, o meu espírito foram substituídos pela vontade, pelo coração, pelo espírito de Cristo; eu e Ele somos um em espírito, e eu estou identificado com Ele pelo amor: é esta a experiência e a alegria dos santos. «Já não vivo, é Jesus que vive em mim!» (*Gál.,* II, 20).

Nada encoraja e fortifica o coração como esta verdade: «Todas as coisas são vossas, o mundo, a vida, a morte, o presente e o futuro; tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo de Deus» (*I Cor.,* III, 22-23).

É esta, com efeito, a herança de Cristo, a obra que ele realizou livremente morrendo por nós. «Eis-vos purificados, santificados e justificados em nome de Jesus Cristo, pelo Espírito de Deus» (*I Cor.*, VI, 11).

Tudo devemos à graça e somos apenas o que ela permite que sejamos, mas podemos torná-la ineficaz com as nossas infidelidades. Velar pelo seu crescimento dentro de nós é o objecto digno do nosso esforço. «O vosso trabalho não é vão no Senhor» (*I Cor.*, XV, 58). «Vigiai, permanecei firmes na fé, sede viris e fortes!» (*I Cor.*, XVI, 13).

As fraquezas terrestres hão-de pesar sempre sobre nós enquanto vivermos neste mundo. Os heróis e os gigantes da santidade suspiraram sempre sob a lei do pecado, que, como nós, nunca deixaram de sentir. «Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?» (*Rom.*, VII, 24). O remédio para a nossa fraqueza é o realismo da fé: um olhar franco sobre a nossa própria miséria e sobre as riquezas de Deus. Cristo operou em nós uma obra sublime — a infusão de uma outra vida.

A fé ilumina-nos com uma luz infinitamente mais brilhante que o dia, a caridade abre-nos um horizonte que a natureza não pode sequer suspeitar. O cristão é um homem novo e o ar que ele respira interiormente não é deste mundo; a sua existência foi recomeçada segundo

um plano divino. Embora ele continue a arrastar o peso do corpo e das suas inclinações inferiores, revestiu-se já de outra Pessoa. «Despojai-vos do homem velho com todas as suas obras, e revesti-vos do novo, daquele que renovando-se continuamente à imagem daquele que o criou, atinge o conhecimento perfeito. Nesta renovação não distingue entre o escravo e o homem livre, é Cristo que «é tudo em todos» (*Col.*, III, 9-11). «O homem que está em Cristo é uma nova criatura; passaram as coisas velhas; eis que tudo se fez novo. E tudo isso vem de Deus» (*II Cor.*, V, 17).

O coração é novo, são novos o espírito e a vontade; sim, o homem é novo a partir do momento em que se abriu inteiramente para a graça. E aquilo que Deus lhe dá, a vida divina, não pode ser-lhe arrancado por nada que tenha sido criado, se ele o não consentir. «Quem nos separa, pois, do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A fome? A nudez? O perigo? A perseguição? A espada? Mas de todas estas coisas saímos vencedores por aquele que nos amou. Porque eu estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a força, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo nosso Senhor» (*Rom.*, VIII, 35-39).

UNIÃO DIVINA

É ao próprio Deus que o homem se deve unir para realizar o seu destino. Se pudermos atingir o ponto mais alto do ser e a sua causa primeira, vamos porventura perder tempo com desejos mesquinhos? Para atingirmos a nossa pátria é necessário perdermo-nos no bem supremo: dirijamos desde já para Ele todas as nossas acções, e que a nossa alma respire finalmente o seu elemento natural. À medida que reconhecemos a vontade de Deus em todas as coisas, e que acostumamos a nossa vontade a consentir nela, vemos diminuir em nós a necessidade das coisas criadas, até que delas nos libertamos definitivamente. Uma alegria essencial, que reside no fundo da alma, tira todo o atractivo aos bens acidentais. Porque a verdade, a luz divina, dá a cada objecto o seu verdadeiro valor. Uma vez encontrado o seu centro divino, a alma deixa de oscilar entre o desejo e o temor: ela conhece agora o puro equilíbrio do amor. Sabe que

a união com Deus é inseparável da calma e dum profundo silêncio da vontade própria; por isso tem o cuidado de evitar tanto a solicitude como a negligência. *Non in commotione Dominus* (III *Reis,* XIX, 11).

A verdade, aceita primeiro com humildade e simplicidade pela fé, e vivida na paciência quotidiana, torna-se agora evidente: a alma pode saboreá-la sem intermediários, na experiência do amor. *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus.* — «Provai e vede como o Senhor é doce!» (*Salmo* XXXIII, 9).

A submissão ao que Deus nos ordena eleva-nos continuamente para Ele: a humildade exalta-nos e permite-nos olhar livremente, do alto das perspectivas da graça, o pequeno mundo dos interesses humanos. Aqui o coração abre-se ao amor de todos os homens e gostaria de derramar sobre eles rios de água viva de que está inundado: católico no sentido pleno da palavra, não tem desprezo por nenhuma alma nem põe de lado nenhuma miséria. A preocupação de agradar sempre ao Pai celeste dá um carácter sobrenatural a tudo o que o homem faz neste estado de união, até mesmo nos mínimos pormenores do seu comportamento. E Deus sente-se mais glorificado, e compraz-se e reconhece-se nele muito mais do que em toda a sua criação, cujas maravilhas proclamam, contudo, a sua sabedoria e o seu poder. Uma con-

fiança ilimitada, absoluta, assegura à alma interior a sua união com o Pai: ela sabe que nenhuma potência do mundo ou do inferno tem o poder de a abalar. Nada do que foi criado tem poder sobre uma vontade sinceramente abandonada, pois o amor apodera-se dela para a estabelecer para sempre em Deus.

A união espiritual confere ao homem a sua mais alta dignidade: dar um filho ao Pai na própria Pessoa do Filho. Com esta filiação divina a alma recebe a liberdade — *Ubi Spiritus, ibi libertas* (II *Cor.*, III, 12); recebe o poder que vai exercer sobre o coração do Pai e em todo o reino do amor; e recebe a beleza que irradia da conformidade com Cristo. Sente-se amada por Deus como se fosse o único objecto do amor divino e ama a Deus como único objecto do seu amor. Nada pode reter o seu afecto senão for com Deus e em Deus. A união torna-se tão pura que o homem se sente alheado de si próprio e já não pensa em voltar para trás no seu voo interior. «Dai-me asas como as de pomba, para que eu possa voar e descansar» (*Salmo* LIV, 7).

A alma deixa de pertencer a si própria se é de facto um bem de Deus como Ele o é da alma: o amor, purificando-se, leva-a para ele num movimento cada vez mais pronto e mais directo. Amar a Deus por Ele próprio é o derradeiro fruto da graça que eleva o homem à ordem sobrenatural, lhe entrega as riquezas da essência e o faz

participar da vida de Deus. «Eu amei-te com amor eterno, por isso, compadecido de ti, te atrai a mim» (*Jerem.,* XXXI, 3).

As potências da fé germinaram e desabrocham agora na plenitude da caridade. Não há nada que tenha o poder de unir como o amor divino, e nenhuma profundidade é comparável àquela a que ele arrasta os que uniu para sempre. Todo o amor atrai e, em certo sentido, devora aquele que ama, mas o nosso coração não pode absorver Deus: e assim este amor arranca-nos a nós próprios e absorve-nos no objecto amado: «O meu amado é para mim e eu para ele» (*Cânt.,* II, 16).

A caridade leva, deste modo, à fusão dos corações. Deus eleva-nos infinitamente acima da nossa natureza para tornar possível essa consumação. No fim do nosso trabalho e das súplicas duma humilde oração, o Amor faz-nos atravessar um espaço em desproporção com o nosso esforço, e leva-nos a um ponto que os nossos desejos não tinham sequer concebido. «Ninguém pode vir a mim se o meu Pai o não atrair» (*João,* VI, 44).

Com sublime violência, Deus une-se, assimila-se e transforma em si próprio a alma que vive com verdadeiro amor. «Porque o nosso Deus é um fogo devorador» (*Hebr.,* XII, 29). E o espírito conduzido por Deus não encontra em Deus nada que o faça parar: pode sondar

livremente os seus abismos. É sem temor que se entrega ao seu elemento. «O amor lançou-me ao fogo.» A obediência a todas as ordens de Deus conduz a alma à sua morada eterna: mergulha nela, já nesta vida, uma raiz inabalável e pode começar a crescer em paz no amor. O progresso na caridade dá ao espírito um conhecimento mais íntimo de Deus, e esse conhecimento inflama por sua vez a vontade numa caridade mais intensa, de onde brota uma nova luz. O divino é tão familiar a essa alma, que a sua realidade lança na sombra a dos objectos terrenos: vê estes últimos com os olhos do corpo como coisas estranhas, enquanto contempla directamente a verdade divina, misteriosamente ligada à sua substância por uma comunhão constante. O amor de Deus domina então toda a vida do homem e faz cessar ràpidamente a inquietação do espírito e a agitação do coração. *Ordinavit in me charitatem.* — «Ordenou em mim a caridade» (*Cânt.*, II, 14).

Assim que a amada se apaixona por Deus, procura por todos os meios conhecê-lo melhor para mais completamente se perder nele. Por não ser mais que uma semente do Reino de Deus, o que ela achou é tão precioso que está resolvida a não se desfazer dele por nenhum preço. O conhecimento de Jesus faz-nos sedentos de um conhecimento mais íntimo, e o gosto do seu amor

faz-nos famintos de um amor maior. A coragem aumenta com a consciência do tesouro possuído, que será defendido, se for necessário, numa luta contínua contra tudo. A forma de Cristo deve acabar de se realizar na alma até à plenitude da idade nupcial. O recíproco abrir dos corações cria entre as vontades e os pensamentos, entre as próprias naturezas, um acordo inesgotável. É um crescimento que não pára e não se acaba neste mundo: continuamos toda a vida a despojar-nos do acidental, segundo as inspirações da graça, para que o amor essencial se torne firme em nós. Mas já não fazemos nada que não tenda para Deus, a nossa vontade torna-se cada dia mais pronta e o seu caminho mais direito: a obediência filial liga-nos a toda a hora mais ìntimamente à vida do Pai, único objecto do nosso esforço e único apoio do nosso abandono. «Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Andai como filhos da luz» (*Efés.*, V, 8).

Por mais diferentes que sejam as nossas ocupações espirituais ou materiais, os nossos actos têm o mesmo valor profundo e o mesmo sentido. Cada um dos nossos passos leva-nos do Filho para o Pai: a nossa existência inteira está compreendida na serena vida da Trindade. Numa comunhão de fé e de amor com a pessoa de Cristo, cuja obra é nossa, bebemos a vida divina na sua própria nascente. «Conhecemos que estamos nele e ele

em nós: porque nos comunicou o seu Espírito» (*I João*, IV, 13).

A energia sobrenatural brilha na alma com uma espontaneidade forte e suave, da Pessoa de Cristo: o Espírito Santo é a fornalha em que se alimenta constantemente o seu fervor. A marca deste amor encontra-se, como uma assinatura, em todos os seus actos, em todo o seu ser. «O que nos confirma em Cristo convosco, e que nos ungiu, é Deus, o qual também nos imprimiu o seu selo, e deu em nossos corações o penhor do Espírito Santo» (*II Cor.*, I, 21-22).

O Espírito Santo, na unidade da essência com o Pai e o Filho, vive na nossa alma, reza connosco e santifica-nos. «Não sabeis que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? É santo o templo de Deus, que sois vós» (I *Cor.*, III, 16-17). O sopro do Pai e do Filho, o dom infinito, a testemunha da palavra de Deus, o selo da sua unidade, desceu em nós para completar a obra do Salvador e coroá-la de glória. «Tínhamos esperado em Cristo... nó qual também vós esperais, tendo ouvido a palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação, e tendo crido nele, fostes marcados com o selo do Espírito Santo, que tinha sido prometido, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção do povo, adquirido em louvor da sua glória» (*Efés.*, I, 12-14).

O Espírito Santo, emanação do amor eterno entre o Pai e o Filho, transmite este amor à criatura que Ele habita e assimila; vida abundantíssima, inunda-nos de vida, de paz e de consolação, de alegria, de força e de santidade: o excesso de plenitude divina brota de novo do nosso coração em ondas de caridade. Unidade viva das Pessoas, é-nos dado o Espírito para que, segundo a promessa do Verbo, sejamos compreendidos nessa unidade. «Eu dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um, como também nós somos um» (*João,* XVII, 22).

Dom mútuo do Pai e do Filho, o Espírito Santo inspira-nos o dom mais perfeito de nós mesmos, em que se resumem toda a bondade e toda a santidade. Como Ele é o amplexo entre o Pai e o Filho, retém-nos prisioneiros do seu amor e protegidos pelo seu amplexo. A alma sente-se espantada e maravilhada com as riquezas que o Paráclito derrama quotidianamente sobre ela, com a maneira como é guiado por ela em todas as circunstâncias, de maneira que tudo contribua para o seu bem espiritual. Por mais pobre e defeituosa que se considere, respira agora a vida da Trindade. «O que nos formou para isto mesmo, foi Deus, que nos deu o penhor do Espírito» (*II Cor.,* V, 5).

Será necessário repetir que o milagre da graça desafia as palavras, visto que se trata de uma realidade divina, e que os termos criados só podem medir objectos finitos? Querer incluir numa fórmula as liberalidades do amor, é proceder como aquela criança de que nos fala Santo Agostinho, que estava a brincar na praia e julgava que era capaz de esvaziar o oceano. Como as línguas dos homens são frias, pesadas e desajeitadas para falar destas larguezas! Só o texto inspirado possui o tom da plenitude e nos anuncia o que Deus tem reservado para os seus, «para que abundem na esperança do Espírito Santo» (*Rom.*, XV, 13).

O mundo sensível não deixará de nos bater à porta e há-de tentar até à última hora perturbar a nossa alma. Mas esta, sob a acção contínua da graça, sabe transformar todos os obstáculos em meios, e até mesmo o fracasso numa ocasião para se unir com mais pureza à vontade do Pai. «Nós sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rom.*, VIII, 28).

Não haverá um só instante desta vida que seja perdido, se as emboscadas e os golpes do adversário contribuírem para a doce vitória do coração, que é justamente a de Deus. A alma saboreia este amor com uma gratidão cada vez maior, à medida que a linguagem celeste se lhe

torna mais familiar, e que ela goza de maneira mais imediata a realidade divina. «Ouvirei o que o Senhor diz em mim» (*Salmo* LXXXIV, 9).

A alma começou a viver a sua vida eterna: o desejo da união perfeita faz que ela se funda no cadinho do amor; é uma chama no coração de Deus e a única coisa que faz é amar. «A minha alma liquefez-se ao som da sua voz» (*Cânt.*, V, 6).

E Deus irradia sobre ela uma glória que nenhuma criatura pode conceber ou suspeitar. «Como és bela, minha amiga! Como és bela e graciosa!» (*Cânt.*, VII, 6).

A ALMA UNIDA

Como é que as almas absorvidas na Divindade chegaram ao termo da bem-aventurança? Atravessaram as trevas, caminharam com perseverança durante a noite; procuram pacientemente a verdade e ouviram o Verbo; e guardaram fidelidade às suas inspirações. «E Jesus, voltando-se para trás, e vendo que o seguiram, disse-lhes: Que buscais? Eles disseram-lhe: Mestre, onde habitas? E ele disse-lhes: Vinde e vede. Foram, e viram onde habitava, e ficaram lá com Ele» (*João,* I, 38-39).

Elas conversaram com o Filho de Deus: estudaram junto dele. «Senhor, sabemos que sois o Mestre vindo de Deus! (*João,* III, 2). Aceitaram dòcilmente a sua doutrina, e a cada uma delas Jesus disse: «Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. Se vos tenho falado das coisas terrenas e não me acreditais, como me acreditareis se vos falar das celestes?» (*João,* III, 7 e 12). Estas almas acreditaram nele; Ele falou-lhes

do céu. «O Pai ama o Filho e pôs todas as coisas na sua mão. O que crê no Filho tem a vida eterna» (*João,* III, 35-36).

Mostrando que queriam fazer o que Ele ordenava, encontraram nele não o rigor dum juiz, mas a delicadeza da misericórdia dum Deus.

Seguiram-no na via dolorosa, às vezes com excessiva solicitude, a maior parte das vezes com demasiada lentidão. Mas nunca deixaram de o seguir. Ele deu-lhes coragem: com suprema delicadeza, ajudou-as nas dificuldades, acompanhando-as em todos os seus passos e mostrando-lhes sempre o caminho. «Pois que, porque ele mesmo sofreu e foi tentado, é que pode socorrer aqueles que são tentados» (*Hebr.,* II, 18).

Elas ouviram as suas confidências e cumpriram os seus preceitos, e «permaneceram no seu amor» (*João,* XV, 10). Realizaram as suas obras, foram purificadas pelo seu sangue, alimentadas pela sua carne, santificadas pelo seu Espírito. Ele desvendou-lhes os seus segredos, conquistou-lhes o coração, — esse coração que ele quer receber sem reservas, em troca da pura generosidade do seu amor. Bastou que Ele lhes abrisse os olhos aos horizontes infinitos do reino na graça, para que elas tomassem consciência de terem recebido tudo. «Recebestes tudo de graça, dai também de graça!» (*Mat.,* XV, 8).

À medida que o seu amor se torna mais profundo, compreendem melhor o preço da fidelidade. Que imensa perda se o coração se desvia um momento de Deus e despreza a sua bondade. Que ofensa para Ele e que prejuízo para o homem! Quantas devastações não são provocadas pelo pecado, expulsando Deus do seu reino interior e reduzindo a nada os seus dons infinitos! Estas almas sentem a ofensa feita ao Senhor e sofrem com Ele numa crucifixão quotidiana: para compensar o desprezo do seu amor, provam de boa vontade o seu cálice de amargura; e esta expiação voluntária, por mais lancinantes que sejam as suas dores, dá-lhes contudo o ante-gozo da beatitude celeste. O amor inebria a alma que se lhe oferece, ao mesmo tempo que a fere de morte. *Vulnerasti cor meum.* — «Feriste o meu coração!» (*Cânt.,* IV, 9).

É assim que na economia da graça os próprios pecados cometidos por certos homens são a causa de novas generosidades divinas para com outras almas. «Porque, se pelo pecado de um, a morte reinou por um só, muito mais reinarão na vida por um só, que é Jesus Cristo, os que recebem a abundância da graça e do dom, e da justiça» (*Rom.,* V, 17).

Ele provocou nos seus a sede do seu amor. Cristo atrai estas almas, Cristo inspira-as, é nele e só dele que

elas querem passar a viver. Elas pertencem ao amor, e o entusiasmo ilumina-as com essas chamas libertadoras. «Atraí-os para mim com vínculos próprios de homens, com os vínculos da caridade» (*Oseias,* XI, 4).

Na intimidade da presença interior, elas adoraram a humanidade de Cristo; acharam força e consolação na sagrada comunhão, no sacrifício da Missa e na oração litúrgica. — Contudo, o sentimento da alegria faltou-lhes nos períodos de provação: a consolação foi-lhes negada pelo próprio Jesus, convidando-as a seguirem-no ao Calvário, a estar presentes na noite do Monte das Oliveiras. Foi com severidade, e segundo a opinião dos homens, com dureza, que elas se viram muitas vezes tratadas pelo Deus de misericórdia. Experimentaram o impiedoso rigor do Pai, que pede a seu Filho a última gota do seu sangue e o cego abandono da última hora para satisfazer a sua justiça, pois as exigências do amor não se moderam. Elas podem dizer por sua vez: «Fui crucificada com Cristo» (*Gál.,* II, 19).

Se não se realizasse esta participação nos sofrimentos do Salvador, a união das almas com Deus não seria segura. É necessário que a alma seja separada e quebrada para que Deus a trate como sua igual: enquanto ela pertencer a si própria não poderá receber o dom infinito,

não poderá conhecer a plenitude de um puro amor. O caminho da alma para Deus, sem negligências e sem vãs solicitudes, só se torna direito e rápido a partir do momento em que o sensível foi queimado na dor e o espiritual purificado nas provações. Tudo o que agrada ao coração só por ser de uma doçura humanamente consoladora deve ser ultrapassado, para que o homem respire livremente o ar puro da caridade divina. Foi portanto de todas as condescendências com as coisas criadas que estas almas tiveram de se despojar: se, por uma hora, eram tentadas a esquecer a sua profunda fraqueza e a sua miséria essencial, imediatamente a graça as chamava à verdade e as iluminava na sua intimidade. Aprenderam a reconhecer que eram pecadoras, sem sentirem por isso nenhum complexo de inferioridade, sem que a sua consciência tivesse de se perder em análises estéreis, e reconhecem finalmente as maravilhas que Cristo operou nelas, sem tirarem disso a mínima sombra de orgulho. «Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Mas por isto alcancei misericórdia, para que em mim, sendo o primeiro, mostrasse Jesus Cristo toda a sua paciência, para exemplo dos que hão-de crer nele» (*I Tim.*, I, 15-16).

Ninguém pode ser um homem de oração se não tiver o espírito de Cristo. Mas quando a alma recebe

este espírito e participa dos sentimentos de Jesus, sente-o crescer dentro de si: basta que ela não lhe oponha obstáculos para que a transformação divina se torne cada vez mais perfeita sob os raios da sua graça. «Porém aquelas coisas que eu considerava como lucro, considerei-as como perdas perante o eminente conhecimento de Jesus Cristo meu Senhor. Por seu amor renunciei a todas as coisas e as considerei como esterco, para ganhar a Cristo, — a fim de o conhecer a Ele, e a virtude da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, assemelhando-me à sua morte. Não que eu tenha já alcançado o prémio ou seja mais perfeito, mas prossigo para ver se de algum modo o poderei apreender, porque eu também fui apreendido por Jesus Cristo.» (*Filip.*, III, 7-12).

Que tudo nela seja para Deus e por Deus, é o seu ardente desejo, a suprema necessidade desta alma: não deve ficar nada que o fogo puro não transforme em si próprio! É assim que o homem unido a Deus compreende a exigência do Mestre, garantindo-nos que o amor nos pedirá contas dos nossos actos, e até das palavras mais insignificantes. Pois ele não renuncia a nada do que fazemos ou do que somos: tudo deve ser insuflado de vida divina a ponto que a alma possa dizer: Tudo o que é meu é vosso, e tudo o que é vosso é meu.

O Verbo leva consigo este homem para onde ele vive desde toda a eternidade no seio do Pai. «Ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (*Mat.*, XI, 27).

Jesus revela o seu mais profundo segredo ao amigo fiel que sofreu com ele até à morte na cruz: pode repousar com Ele e n'Ele junto ao coração do Pai. A alma, transbordando de amor filial, contempla a fonte da vida divina; e o Pai olha com indulgência infinita para este filho adoptivo que tem as mesmas feições do seu único Filho. É o Espírito Santo que faz desabrochar o amor em toda a sua plenitude e inspira ao coração esta alegria sem mácula. «A alma participa no dom celeste, prova a doçura da palavra de Deus e as maravilhas do mundo que há-de vir» (*Hebr.*, VI, 4).

O conhecimento vivo ateou um incêndio na alma, que agora se revela em obras e em esplendor. O seu campo de acção é ilimitado: é o domínio de Deus. A fé, fonte de amor, triunfou de todos os obstáculos. A verdade evangélica, caída no que o espírito tem de mais profundo, germinou com força divina até esta vitória que transcende todos os conflitos do devir numa submissão humilde à vontade de Deus. «Todo o que nasceu de

Deus, vence o mundo» (*I João*, v, 4). «E a vitória que vence o mundo é a nossa fé» (*I João*, v, 4).

O laço da perfeição realiza a mais íntima união entre a alma e o seu amado. Nele e com Ele, a alma pode erguer os olhos para o Pai, cuja vontade é o seu alimento. «Pai, eu faço tudo o que te agrada!» — é assim que falam e vivem os amantes fiéis em quem se consumou este mistério. O Filho, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, garante-lhes isto mesmo: «O Pai ama-vos porque vós me amastes e crestes que eu saí do Pai» (*João*, XVI, 27).

E eles respondem de todo o coração, no júbilo do louvor perfeito: «Visto conhecermos que é perfeita em nós a caridade de Deus, se tivermos confiança para o dia de juízo; pois assim como ele é santo, também nós o somos neste mundo. *Nós, portanto, amemos a Deus porque Deus nos amou primeiro*» (*João*, IV, 17-19).

VOCAÇÃO DOS CARTUXOS

Eu a atrairei docemente a mim, e a conduzirei à soledade, e lhe falarei ao coração.

(OSEIAS, II, 14)

Não é possível, sem a ajuda de uma graça especial, procurar definir o espírito de uma das grandes Ordens da Igreja, cujos interesses são na verdade interesses de Deus, pelo que nenhum homem está à altura de falar sobre eles, — e a coisa torna-se ainda mais difícil quando essa Ordem é contemplativa, fiel há nove séculos à sua clausura rigorosa: a sua vida secreta, para se revelar, precisa de uma simpatia e de uma resposta interior. Mas, para falar da vocação cartuxa, seria preciso, acima de tudo, tê-la seguido até à perfeição: e é com vergonha de ter feito tão pouco que escrevemos estas linhas.

Por mais que se pretenda exprimir a intenção que anima a vida dos cartuxos e das suas religiosas, devemos fazê-lo nos termos mais simples. As nossas almas são esposas de Jesus Cristo se respondermos à sua chamada: o nosso ideal é fazê-lo e viver ùnicamente em união com Ele. Esforçamo-nos por atingir este fim pela vida sacramental e litúrgica, pela oração, pela obediência, pela mortificação e pelo esquecimento de nós próprios, na solidão e segundo os costumes da Ordem cartuxa. Sabemos e sentimos, na medida em que Deus o quer, que Ele está desejoso de completar sem demora esta união dos espíritos e dos corações, desde que afastemos os obstáculos. Estes obstáculos reduzem-se a um: o apego a nós próprios, de que só o amor divino nos pode libertar.

Esta definição é certamente elementar: muitos hão-de estranhar encontrar nela tão pouca doutrina e tão poucas características específicas. Contudo, esta simplicidade é necessária: é a primeira característica da espiritualidade cartuxa, e lamentamos ter de explicar estas palavras, pois não acrescentaremos nada à sua substância e receamos até enfraquecê-las com o comentário.

Os monges e religiosas cartuxas, ocupados em servir a Deus nos seus eremitérios, nunca formaram uma escola

nem se agruparam à volta do nome de um mestre: não têm nenhum autor célebre cuja obra fixe as linhas do seu desenvolvimento espiritual e lhe dê a forma que há-de ser depois imitada. Mas não é só pela sobriedade das formulações teóricas que parece ter ficado reservado um lugar para um impulso silencioso do espírito; a virgindade é uma característica essencial da espiritualidade cartuxa: tudo, nesta Ordem, protege a vida espontânea da alma e a reserva para Deus.

É este o sentido da solidão, — a que nós observamos — e que tanto impressiona os estranhos. Abandonamo-nos a Deus e é ùnicamente dele que nos esforçamos por viver. Esta solidão, no seu aspecto social, é de resto suavizada pela regra: mantemos entre nós relações de família, estamos unidos uns aos outros por uma profunda amizade, como irmãos e irmãs da mesma ordem. No entanto, estas relações e esta amizade só têm sentido na medida em que nos podem ajudar na fidelidade à solidão, medindo-a pelas nossas forças, e pondo-a à prova para que ela não perca o seu carácter sobrenatural. Estar só é, em certo sentido, morrer para o homem: é por isso que muitas vezes, depois de a ter tentado, alguns a consideram uma empresa desumana. Contudo, a alma foi feita para Deus, e qualquer outro objecto fecha o coração e o espírito dentro de limites que o asfixiam.

Privá-la de solidão, como o mundo parece actualmente apostado em fazer, é fazer-lhe uma violência que, com mais propriedade, se pode chamar desumana. A solidão com Deus é um ideal para que todas as almas devem tender: o claustro apenas o atinge num movimento mais decidido e mais directo. Na verdade, não há outra companhia além de Deus: o coração que a não descobriu passará ainda por muitas provas e só no caso de se conservar leal é que atingirá essa evidência, não com tristeza resignada, mas com profundo júbilo.

A vida cartuxa define-se também pela sua actividade interior: esta Ordem é, dentro da Igreja, a que mais totalmente se dedica à contemplação. Esta palavra parece ter uma singular virtude, que fascina uns e inquieta outros. Criticou-se já o seu emprego, de resto antiquíssimo: não é verdade que há homens incapazes de «ver», de «contemplar» interiormente seja o que for, por mais zelosos e religiosos que possam ser? Devemos responder, em nossa opinião, que esta palavra foi escolhida providencialmente para designar a atitude de uma alma-esposa, ainda que ela esteja longe de estar inundada de luz. Os espíritos que amam a verdade divina contemplam-na, e esse acto deve ser o único que a alma bem-aventurada fará no céu. Mas essa aprendizagem cá na terra faz-se no meio do sofrimento e das trevas da fé:

é por isso mesmo que ela é sacrifício, purificação eficaz e testemunho insigne de caridade. Pode-se contemplar nas tribulações e na aridez, no trabalho e nos cuidados com o próximo, e até mesmo nas tentações e nas distracções involuntárias, — a única coisa que importa é que a alma se mantenha voltada para o Senhor invisível e opere de acordo com esse olhar. A experiência do amor deve fazer-lhe compreender o valor que ela dá à contemplação do seu objecto, tanto nas trevas como na luz, e o puro pressentimento da visão que anima a sua fidelidade: na verdade, é-se contemplativo na medida em que se ama.

Que este esforço pode ser coroado já nesta vida por uma perfeita união com o Esposo, acreditamo-lo firmemente, — pois, na verdade, nada se interpõe entre Deus e a alma. Mas essa união é, por sua natureza, secreta: ela implica o respeito do silêncio em que o Espírito a prepara e mantém.

O segredo é, de resto, uma das características de toda a vida cartuxa: monges e freiras encontram nele o fresco refúgio — *vita umbratiles* —, em que germinam as flores eternas. Como passamos na igreja uma parte das horas nocturnas, esforçamo-nos por santificar por meio da oração o coração de noite; assim a nossa exis-

tência, longe dos olhares do mundo, imita a vida oculta do Senhor,—a que Ele viveu no seio de Maria e durante os trinta anos que prepararam a salvação do mundo. Abandonando uma sociedade em que cada um, como é natural, procura *aparecer,* os cartuxos e as religiosas cartuxas esforçam-se por *desaparecer,* esperando que a verdade aceite esta prova. Um dos patronos da nossa Ordem, cujo nome vem incluído na nossa fórmula de profissão, é João, o Precursor, o profeta solitário que procura apagar-se para que brilhe aos olhos de todos a luz do Verbo.

O papel da mulher, e sobretudo o da virgem, como já foi observado mais de uma vez, compreende de século para século uma viva afirmação de pudor: sente-se a si própria como um véu que protege essas reservas sagradas que se devem conservar puras, para que nunca sequem na terra as fontes da vida e da beleza. Isto é verdadeiro, num sentido muito especial, para as virgens enclausuradas e consagradas que se cobrem com um véu à imitação de Maria, para guardar e alimentar dentro de si a vida divina. É por isso que as nossas monjas não parecem ter-se ligado à nossa Ordem por mero acaso, mas sim por uma disposição providencial, para que o espírito desta mesma Ordem fosse claramente manifestado nas suas características essenciais, e para que a

nossa resposta à mesma vocação fosse para nós um mútuo encorajamento, uma confirmação recíproca da graça comum pela qual nos sentimos gratos para sempre.

Não se poderá esconder, num esboço do ideal cartuxo, a presença constante da cruz: abandonar o mundo é doloroso para o coração; a solidão, por mais preciosa que seja por si, é um sacrifício quotidiano para a nossa natureza pecadora; a obediência, a pobreza, por mais sàbiamente proporcionadas que estejam com as forças humanas, não podem ser aceites e vividas sem uma agonia da vontade própria. Se o entusiasmo do amor não acende na alma uma faúlha de heroísmo, não se aceitarão por muito tempo estes deveres de padre cartuxo ou de irmão converso, nem os de esposa ou de mãe espiritual. Eles pressupõem que foi ouvido o chamamento de Cristo: «Se alguém me ama, tome a sua cruz e siga-me». Não há verdadeira vida interior sem uma paciência infinita, e se a vida do convento não é uma vida interior, é um cativeiro singularmente infeliz A graça não há-de faltar a quem quiser ouvir esse chamamento, mas, se não houver uma fidelidade quotidiana, toda a graça será estéril e perdida.

As dádivas mais puras do Espírito, os dons da fé, da intuição e da união, que são *alegria,* têm contudo necessidade da solidão, do silêncio e da cruz: a sua realidade

desvanece-se numa vida demasiado cómoda, assim como numa expressão demasiado fácil. A reclusão austera e os sofrimentos que comporta são benvindos para o contemplativo: quando elas lhe faltam, a alma tem a consciência de que perde um amparo precioso e que seria prejudicial para ela estar privada dela durante muito tempo.

Não insistiremos mais sobre este aspecto da nossa vida: a vida cartuxa é uma escola de paciência. Exercida em união com Cristo, na submissão à regra e na fidelidade à solidão, a paciência purifica a alma, vai gastando lentamente o amor-próprio e obriga-nos a entregarmo-nos a Deus. O nosso Ministro Geral, D. Inocêncio Le Masson († 1703), diz que a cartuxa é ainda uma escola de caridade (no estilo do seu século, «uma *academia* de caridade»): este ponto é, de facto, o centro da nossa comunidade religiosa, o seu princípio e o seu fim. Os sacrifícios de que acabamos de falar, o abandono e a renúncia, têm como única razão de ser a caridade que manifestam, como vem declarado nos nossos *Estatutos.*

A única coisa que se faz nos nossos conventos é amar a Cristo com todas as nossas forças: sabemos que a abundância deste amor divino nos será dada se formos fiéis, e se derramará sobre todas as almas que dele necessitarem. Não há um único cartuxo que não se considere, neste sentido, missionário; não há nenhuma virgem cartuxa que não tenha o sentimento da sua maternidade

espiritual e não possa dizer com Cristo: «O Espírito do Senhor repousou sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, me enviou a sarar os contritos do coração, a anunciar aos cativos a redenção, e aos cegos a vista, a pôr em liberdade os oprimidos, a pregar o ano favorável do Senhor, e o dia da retribuição» (*Luc.*, IV, 18-19).

O ofício divino e o canto coral são a expressão do amor que a própria Igreja, Esposa de Cristo, põe na nossa boca, encarregando-nos oficialmente das suas declarações, dos seus juramentos e dos seus louvores. A caridade que deve ser a vida do claustro manifesta-se, por outro lado, entre os membros do mesmo mosteiro, tanto por um esforço contínuo de delicadeza e compreensão, como pela comunhão dos corações saciados na mesma fonte. Este ideal nem sempre é atingido na sua perfeição: no entanto, é realizado de modo mais constante do que o mundo julga, e a fraternidade monástica, sóbria de expressão, alimentada de silêncio, é um amparo precioso para a alma na sua peregrinação interior.

Parece-nos muitas vezes que as pessoas do século entre as quais se fala de amor e de amizade, poderiam tirar proveito da experiência das nossas comunidades: na verdade, nenhuma afeição pode perdurar se não for

garantida por uma vontade quotidiana e pela prática da renúncia, que lhe permite encarar de boa vontade todas as dificuldades; nenhum amor poderá viver se não estiver pronto a sacrificar até as suas próprias alegrias. Quem não reconhece estas verdades, não sabe amar como se ama na cartuxa, — e não acreditamos que saiba amar em qualquer outro lado.

D. Inocêncio Le Masson, que faz da cartuxa «uma academia de caridade», vê também nela, o que parecerá talvez ainda mais estranho — «uma academia de liberdade». Basta no entanto ter a experiência de um noviciado cartuxo para saber que a primeira impressão é a que está traduzida no salmo CXXIII: *Laquens contritres est et nos liberati sumus* — «O laço foi quebrado, e nós ficamos livres». O espaço interior é na verdade infinitamente mais vasto do que aquele que nos rodeia: o que mantém o homem cativo é o amor ansioso pelos bens transitórios, a ambição estreita, a preocupação paralisante com o que os homens podem dizer ou pensar de nós, — numa palavra, o amor-próprio em todos os seus aspectos. A resolução sincera de acabarmos com as suas exigências, de passarmos a tratar-nos com sábio desprezo, com justa ironia, é comparável ao levantar de um peso sob o qual mal podia bater o coração. Os votos não fazem mais do que romper as amarras. O caminho da

liberdade não é o dos êxitos exteriores: pelo contrário, desce até ao mais secreto da alma, até ao fundo divino em que o Espírito atento à verdade nos liberta (*João*, VIII, 32). Esta liberdade desenvolve-se, é como uma descoberta sempre nova à medida que cresce a intimidade com Deus, que ela reconhece a sua presença imediata e lhe permite viver nela.

Deus é mais amável do que se pensa, e mais fácil de conhecer do que se julga. Amá-lo e conhecê-lo são duas graças ìntimamente ligadas: não se faz nenhum progresso no amor que não torne mais firme a certeza em que se baseia o equilíbrio e o voo do espírito. Amar e contemplar na solidão cartuxa leva a alma a esquecer-se cada vez mais de si própria, até que a transparência do espelho interior permita que Deus se reproduza e repouse nela completamente. Então terá sido cumprido o grande mandamento: «Dai a Deus o que é de Deus», isto é tudo. As perguntas e as respostas baseiam-se num único cântico de louvor, a união é consumada em silêncio para lá das nossas medidas; a esposa pertence ao esposo: a liberdade foi conquistada.

Possa a Espírito ser melhor ouvido! Que os corações generosos sigam Jesus sem medo do deserto! E que os que ousaram fazer este esboço do ideal cartuxo, ajudados

pelas orações dos seus leitores, possam vivê-lo mais fielmente, para a sua própria salvação e de todas as almas. *Venite et bibite, amici: inebriamini, carissimi!* — «Vinde, amigos, e bebei na fonte, embriagai-vos, meu amigos!» (*Cânt.* v, 1).

Í N D I C E